

3.

Pedagogia do Convívio: histórias para uma História

2005/06

Estão combinados aqui três trabalhos praticamente independentes:

Em **3.1 Conexões numa história pessoal**, o autor tenta identificar elementos, em sua biografia pessoal, que possam ter contribuído para o impulso de desenvolver uma Pedagogia do Convívio, quer como continuação quer como negação desses elementos.

Em **3.2 Conexões nas histórias do mundo**, reflete-se sobre relações desta Pedagogia com alguns modelos fornecidos pela história, ciências sociais e literatura;

Em **3.3 Para a memória do experimento Trópis**, tentam-se registrar, por vários ângulos, memórias dos doze ou treze anos de ação-reflexão sob o nome “Trópis” que conduziram até o estado atual das idéias e propostas que identificamos como Educação Convivial ou Pedagogia do Convívio.

Alguma documentação visual correspondente aos capítulos 3.1 e 3.3 se encontra na série Foto-História (0 a 4) em www.tropis.org

*A Otto Rickli e Aymée Correia Rickli, meus pais,
pelo quanto tiveram de **educadores conviviais**.*

3.1. CONEXÕES NUMA HISTÓRIA PESSOAL

Muitos perguntam “desde quando vocês realizam esse trabalho?” – e é difícil definir. O fruto começou quando ficou visível? Ou quando aquele óvulo específico foi fecundado? Ou quando outra planta, quem sabe distante, começou a preparar seu pólen para soltá-lo ao vento? Ou quando a árvore-mãe germinou?

Vários momentos da minha trajetória pessoal, bem antes da organização da Associação Trópis, já me aparecem na memória como situações de **educação convivial ativa**. Mas há memórias ainda mais antigas que têm basicamente o mesmo sabor – nas quais me vejo porém apenas como educando, e ainda não (como no que chamei educação ativa) como simultaneamente educando e educador.¹

Tentarei neste capítulo registrar um pouco dessa pré-história *pessoal* da Pedagogia do Convívio. Não diria que se trata de uma “autobiografia educacional” como as que vêm sendo usadas ultimamente na investigação científica da educação, na medida em que me restringirei ao que chamo de “situações conviviais”, deixando de lado (exceto em breves menções que visam fortalecer a outra imagem por contraste) tanto a escola formal quanto outras situações comparáveis (p.ex. igreja) que também tiveram seu papel.

3.1.1. Cenário inicial

Nasci em 1957, em Curitiba por razões de circunstância, porém com todas as raízes e infância no Interior-Sul do Paraná. Se o nome suíço da família paterna (Rickli) estava no Brasil há apenas 88 anos (em 2006 são 137), a família materna (Silva Correia) era a usual trama de raízes portuguesas com pelo menos uma africana, documentada e reconhecida, e muitas indígenas não-reconhecidas.

¹ Naturalmente estamos ecoando aqui a mundialmente conhecida formulação de Paulo Freire. – Oscilando entre o puro depoimento e a teorização, este artigo padece de uma tensão entre os sujeitos “eu” e “nós”. Será feito um esforço para usar o “eu”, mas muitas vezes o “nós” se imporá, às vezes ao invocar a cumplicidade do leitor, às vezes a experiência vivida coletivamente, mas às vezes por pura imposição do “colegiado teorizante interior” que mencionamos 0.3, na introdução geral do livro.

Pode-se dizer então que o nome Ralf veio menos por germanismo familiar que pela extravagância tipicamente brasileira ao nomear... e era com frequência atribuído à simpatia de meu pai pelo pensador norte-americano Ralph Waldo Emerson – amigo do Thoreau de *A vida nos bosques* e de *A desobediência civil* – o que não me parece sem significação para esta história...

Fundamental mesmo foi a experiência de pertencer (ou quem sabe *não* pertencer) ao mesmo tempo a dois mundos com linguagens e modos de vida totalmente diversos e mutuamente incompreensíveis (o “latino” urbano e o rural de sotaque germânico) – os quais provavelmente nunca teriam se encontrado sem o *espaço comum e a catalisação* trazidos por missionários norte-americanos (presbiterianos com influência da dissidência pietista do luteranismo).

Um detalhe fundamental sem o qual tudo o que vai se contar pode ficar sem sentido: até meus doze ou treze anos, a cidade onde eu morava (Guarapuava) **não tinha televisão**.

3.1.2. A escola atrapalhando a educação

Dos 4 aos 7 anos recebo em casa, de modo informal e misturado nos demais atos do cotidiano, uma enorme quantidade de informação – de pai, mãe, primas, tias-avós... Um dia me descobrem lendo, alfabetizado. Duas imagens-síntese da época: escrever e desenhar numa lousa ao ar livre; recortar papéis e ouvir histórias em frente a uma lareira, nas noites gélidas de Guarapuava.

Aí fui posto no que provavelmente era a melhor escola pública num raio de muitas dezenas de quilômetros. Durante dias que pareciam infinitos (com certeza mais de uma semana) nossa sala não tinha professora, mas éramos obrigados do mesmo modo a ficar nas carteiras por quatro horas, sem nenhum material, brinquedo ou atividade. De tempo em tempo uma inspetora entrava e berrava “si-lên-cio!”

Espaço de ensino e de socialização? Ano após ano, ir para escola foi vivenciado sobretudo como uma desgraça, um degredo para uma situação degradante – tanto em termos de *aprendizado* quanto do *convívio humano* (com os adultos e com os outros alunos) – e essa percepção se manteve em boa medida até no nível superior.

A estrutura inicial do que hoje é meu edifício de conhecimento (todo mundo tem um!) foi adquirida nesses anos, mas não na escola, e sim com grande quantidade de leitura em casa. Não discordarei de quem alegar que tal situação foi deficiente como socialização. Sem dúvida! Porém a escola não teria feito melhor: pelo menos entre os meninos, **na escola só se torna social o que se aproxima da delinquência**.

3.1.3. Imagens do convival no fim-de-infância

Se procuro imagens positivas relacionadas a um *aprendizado convival* após o início da escolarização, elas vêm sobretudo de *relatos*, partindo de duas fontes ficcionais e uma real.

Uma vivência direta é exceção: as tardes de domingo em que meu pai enfiava no carro a família, e com frequência mais algumas crianças ou jovens convidados, e nos levava para o mato. No inverno era sapecada de pinhão (sementes de araucária assadas numa fogueira das suas próprias folhas secas), no verão alguma melancia partida na beira de um rio... Eram vivências *com uma dimensão física*... porém entremeadas de uma quantidade enorme de comentários rápidos de todos os níveis por parte de pai, mãe e outros adultos que houvesse – de sobrevivência a filosofia, de lembranças da própria infância a informações sobre a natureza e a geografia... Algumas vezes isso ganhava uma gravidade diferente, sem mulheres nem crianças menores: uma pescaria em lugar perigoso, uma “caçada de jabuticabas” na mata virgem onde adultos ainda caçavam porcos-do-mato e pumas...

As fontes ficcionais: (1) Monteiro Lobato. Não me refiro aqui tanto aos conteúdos de informação repassados nos livros e sim à *descrição de uma forma de aprender*, no

convívio cotidiano no Sítio do Picapau Amarelo; (2) o universo dos escoteiros-mirins de que fazem parte os sobrinhos do Pato Donald – o qual seria provavelmente errado atribuir ao próprio Walt Disney, não só porque hoje se sabe que ele foi em grande medida um arrebanhador e comerciante de criações alheias, mas também porque o caráter preciso de que falo não se encontra em todos os setores do mundo imaginário que leva seu nome. Talvez esse caráter pertença à própria instituição do escotismo, mas não me vejo em condições de avaliar por não ter tido contato direto com ela.

Não me passam despercebidas aí certas diferenças: no escotismo, imaginário ou não, encontramos justamente a ética protestante norte-americana apenas desvestida de suas formas religiosas, atuando de forma claramente ordenada num grupo homogêneo (masculino, de uma certa faixa idade etc). Já no Sítio do Picapau Amarelo – em que pese o conhecido entusiasmo de Lobato por idéias e práticas norte-americanas – deparamos com o convívio “carnavalizado” entre humanos de diferentes gêneros, idades e posições sociais, sem falar de animais e objetos falantes... – possível assunto para um estudo onde com certeza teríamos muito a ouvir do antropólogo Roberto DAMATTA.²

A fonte real que encontro são as constantes referências de meu pai e de outros familiares a seus tempos de estudos em duas instituições de ensino – mais uma vez – de tradição anglo-saxônica: o Instituto Cristão em Castro, PR (ainda existente porém funcionando hoje em outros moldes) e o extinto Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira, SP. Nos dois casos observava-se a forte memória de: (a) convívio próximo com os professores e responsáveis; (b) convívio com colegas em tempo integral, sem vigilância estrita nem abandono; (c) convívio com a natureza; (e) abertura de horizontes culturais não apenas utilitários (línguas, canto coral, filosofia) **sem exclusão de:** (e) participação no trabalho físico da instituição.

3.1.4. Sessenta e oito

Uso este ano como título por tudo que representa historicamente, mas os fatos de que falo se estendem até 1970 ou 71. Inicialmente sem conhecimento dos movimentos jovens que aconteciam mundo afora, nos momentos que passo ao ar livre consolida-se como *ideal de vida nítido e inequívoco* uma imagem de *vida comunitária* e de *convívio DA COMUNIDADE com a natureza*. É essencial acentuar essas *duas* dimensões de convívio – para usar a nomenclatura ecológica, a intraespecífica e a interespecífica – e distinguir da imagem comum de uma vida *humanamente isolada* junto à natureza. Em outras palavras: esta imagem *não* corresponde à do *Walden* de Thoreau.³

Ao mesmo tempo, me entrego com afinco ao esforço de encontrar e formular *critérios éticos mínimos*, racionais e tão simples quanto possível – em contraste com os “dados de cima”, não-criticáveis, tanto da educação religiosa quanto da “educação moral e cívica” escolar ordenada pelo regime militar. Não é exagero dizer que o Convivialismo como formulado hoje é apenas o desenvolvimento e detalhamento de algumas formulações básicas encontradas já naquela época.

² DAMATTA, *A casa e a rua* – especialmente, no caso, o estudo sobre *Dona Flor e seus dois maridos*. – Quanto a LOBATO, seu entusiasmo pelos Estados Unidos está ricamente documentado em (entre outros escritos) *América*, de 1931, parte da sua hoje injustamente tão pouco lida obra adulta (LOBATO 1962). Acho significativo, porém, que em meio a tanta admiração, Lobato invista acidamente contra a vertente puritana-sexofóbica dessa sociedade, apontando-a sobretudo na pré-censura então exercida sobre a produção cinematográfica por organizações da sociedade civil (!); trata-se da mesma vertente, é preciso notar, que se manifesta hoje nos excessos do “politicamente correto” e na veiculação de uma pseudo-psicologia sexofóbica que “ignora” candidamente todo o saber conquistado a duras penas por Freud, Reich, Laing e tantos outros. Sobre a presença desse mesmo puritanismo no universo disneyano, ver DORFMAN E MATTELART (1977), *Para ler o Pato Donald*; independente de a postura desses autores chegar a ser *também* um puritanismo, apenas que de sinal ideológico trocado, as evidências que apontam não deixam de falar por si. – Ainda sobre o “americanismo” de Lobato, um recente artigo de Paulo GHIRARDELLI JR. (2006) traz à tona uma participação inusitada sua na história das idéias pedagógicas no Brasil: Lobato teria sido decisivo no “lançamento” de Anísio Teixeira na vida pública, justo pelo fato de este último ter “visto, sentido e compreendido a América”.

³ Henry David THOREAU (1985), *Walden, ou a vida nos bosques* (o mesmo livro já referido em 3.1.1).

Curiosamente, o texto que serviu de verdadeiro programa revolucionário nesse momento, inclusive contra a instituição religiosa, havia sido recebido dessa mesma instituição: o Sermão da Montanha. Quase que óbvio, esse foi o momento de descobrir também Francisco de Assis.⁴

Sozinha, porém, essa descrição da vida interior pode gerar uma imagem falsa e na verdade algo ridícula de um adolescente altaneiro e seguro – como as imagens que encontramos em algumas autobiografias intelectuais que se permitem sonegar a realidade existencial. É importante acentuar que o cotidiano ordinário dessa época era vivenciado como um cambaleio por entre a violência física e psíquica dos colegas na escola (agora só meninos) – violência absolutamente ignorada por professores que só cuidavam de suas disciplinas –, a angústia diante do mistério inacessível e escabroso que o *background* puritano fizera do sexo, a incompreensão familiar por esse estado permanentemente à beira do colapso... a mais absoluta impossibilidade de... *convívio* em qualquer frente que fosse.

3.1.5. Começo de carreira: professor convencional, aluno convivial

Curitiba, 1976, segundo ano de faculdade na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. O currículo oficial da escola não deixou muitas marcas; o aprendizado no convívio informal com colegas e professores, muitíssimas.⁵ Começo a ensinar (aulas de piano e teoria musical em São Bento do Sul, SC, e pouco depois entre os holandeses de Carambeí, PR).

Mais decisivo, porém, foi ter começado a participar de um dos círculos de jovens que se reuniam informalmente, e muitas vezes perigosamente, tentando encontrar caminhos próprios na vida e no conhecimento – na forma que na década de 1950 Carl Rogers identificou como típica de momentos de transição histórica em que uma geração não consegue confiar no ensinamento ministrado pela anterior.⁶

A quase totalidade de meu conhecimento de História da Música e da Arte em geral, bem como fundamentos *sólidos* em filosofias do Oriente e outros caminhos tradicionais – e ainda, paradoxalmente, quase todo o pouco que me permiti absorver de traquejo para uma “vida em sociedade” no sentido burguês – foram recebidos por essa via, sentado num tapete em um quarto minúsculo nos fundos da casa de um chofer de caminhão.⁷

⁴ SERMÃO NA MONTANHA: um dos principais blocos de ensinamentos atribuídos diretamente a Jesus, do qual a Bíblia apresenta versões nos livros de Mateus e de Lucas. FRANCISCO DE ASSIS foi descoberto através da sua famosa oração “Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz”, em circunstâncias que merecem registro: declamada perante uma multidão por um pastor protestante ao lado de prelados católicos, em uma cerimônia ao ar livre, provavelmente nos 150 anos da cidade de Guarapuava (09.12.1969). Eu estava informado de que o Rev. Oswaldo Emrich, de Curitiba, participava de celebrações ecumênicas em franco desafio à direção nacional da Igreja Presbiteriana; saindo de sua boca nessas circunstâncias, as palavras “de um santo” (conceito rejeitado pelo fundamentalismo protestante) ganhavam uma dimensão adicional de *rebeldia política e existencial*, o que para mim colocou esse religioso num papel que podemos chamar de *herói moral* no meu início de adolescência.

⁵ É preciso fazer justiça aí a duas correntes: de um lado, a pianista e cravista Ingrid Seraphim, que apesar de nossa professora em instituição oficial, durante anos nunca deixou de nos abrir sua casa e nos convidar à mesa; de outro, nessa instituição universitária por excelência que é o bar..., o inestimável aprendizado em música, cultura geral, didática e *vida* com colegas mais velhos como Jorge Hartke, Rubia Froehner e Ulrike Graf, e alguns professores especiais, sobretudo Henrique Morozowicz e Cláudio Stresser. Em complemento à imagem de *herói moral* da nota anterior, é significativo notar ainda que a Igreja Presbiteriana de Curitiba foi capaz de oferecer à *segunda* metade dessa adolescência um *herói intelectual*: Elias Abrão, depois deputado e Secretário de Educação; por espantoso que pareça a muitos, devo a seus sermões os fundamentos do conhecimento que eu tenha sobre Max Weber, Kierkegaard, Martin Buber – e até mesmo sobre Nietzsche e Marx!

⁶ Não temos referências bibliográficas desta afirmação; entramos em contato com ela como um dos pilares do trabalho de Jaap van der Haar, expert holandês em programas de recuperação de dependentes, que tivemos a oportunidade de traduzir em várias de suas viagens e palestras no Brasil.

⁷ É preciso registrar o nome e prestar tributo ao colega que *oficiava* esse grupo, Carlos Roberto Arantes, ainda que pouco depois ele sem dúvida se haja extraviado gravemente nos meandros de suas buscas. É preciso que se diga que nenhum professor das respeitadas instituições superiores de ensino de Curitiba atingia, nas áreas referidas, metade do conhecimento desse jovem de classe média baixa de 20 e poucos anos, livremente compartilhado noite após noite em seu quatinho junto ao fogo de algumas velas.

*Essa experiência é sem dúvida uma das fontes principais da Pedagogia do Convívio e de seu foco central nos jovens – não só como contribuição positiva, mas também pela necessidade de enfrentar a problemática dos supostos atalhos que inevitavelmente se oferecem quando brota nos jovens o natural impulso de autonomia individual ou de geração – naquela época sobretudo a canábis e a *Psilocibe mexicana*. Não será neste volume, porém, que nos aprofundaremos nessa problemática.*

Mais útil no momento é mencionar o que foi provavelmente **o ensinamento pedagógico mais importante** que recebi dessa fase para toda a vida: em São Bento havia um alemão mais ou menos da minha idade, colega de noites de rock e outras aventuras no que então chamávamos de *contracultura*.⁸ Foi nas conversas com ele tomei conhecimento pela primeira vez do extremo isolamento humano e desintegração do nível comunitário que haviam tomado conta da sociedade européia (exemplo: o relato de seu absoluto *desinteresse*, como adolescente, em comparecer ao enterro do pai... que *não* havia abandonado a família; algo como “eu não tinha nada a ver com aquele homem que só morava na mesma casa”). Acontece que, como bom alemão, ele também compartilhava comigo um bocado de reflexão teórica, mesmo se informal, sobre a aventura contracultural.

Um dia comentei que, por estar dando aulas, parecia estar começando a falar com um “tom professoral” também fora da escola (coisa que minha mãe sempre alegou ter acontecido com ela). Meu amigo me olhou sério e disse: “Nunca deixe isso acontecer com você! Esse é um dos traços mais horríveis que podem existir numa pessoa.” E em seguida me chamou a atenção para o seguinte fato: *professores, em sua maioria, nunca passaram um ano sequer longe do ambiente escolar desde o dia em que entraram nele como alunos, e por isso não têm nenhuma experiência real de como é o resto do mundo humano. Terminam projetando imaginariamente para o mundo inteiro as características do ambiente escolar – e essa é de resto uma das razões porque não são capazes de compreender os seus alunos.*

A percepção da seriedade do que tinha ouvido efetivamente me estimulou a buscar outras experiências na vida, apesar do irresistível impulso de ensinar. Esse foi sem dúvida um dos fatores que me prejudicaram na construção de uma *carreira* – mas talvez tenha sido o que mais me ajudou no sentido de me tornar um bom educador (como me atrevo a crer que tenho conseguido ser).

3.1.6. Educação Convivial, Marco Zero: Páscoa 1979

Dirigindo à toa por estradinhas da região de Ponta Grossa (PR) cruze um riozinho excepcionalmente belo (o Rio São Jorge). Ao me aproximar vejo uma barraca e jovens cozinhando um macarrão de acampamento. Me convidam a participar. Tenho outra barraca no meu carro e decidimos ir mais longe rio acima.

À noite, sentados na barraca, um deles saca um Novo Testamento de bolso. Abrem e lêem um trecho ao acaso. Mencionam que estão tentando informalmente dar continuidade a um trabalho iniciado entre jovens “pelo Padre Fulano, que foi embora”. Peço licença de lhes mostrar uma coisa, e leio, em tom desprezioso, I Coríntios 13: *“ainda que eu falasse as línguas dos homens e as línguas dos anjos... que eu tivesse conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência... se eu não tivesse o amor eu nada seria”* – o que causa grande admiração, pois dez anos antes de Renato Russo lançar *Monte Castelo* esse não era um texto amplamente conhecido por jovens.

É necessário dizer que não havia nesse ato nenhum impulso de “afastar os jovens daquela vida” levando-os para perto ou para dentro da institucionalidade cristã, o que se costuma fazer, aliás, como uma passo de sua “re-inserção” (atualmente “inclusão”) numa sociedade com a qual o próprio Cristo dificilmente teria tolerância, a julgar pelos fragmentos que nos chegaram de sua vida e suas falas. Tratava-se muito mais é

⁸ O termo parece ter sido introduzido pelo sociólogo Theodore ROSZAK em *The making of a counterculture*. O colega em questão se chamava Klaus Kadur e era proveniente de Hamburgo.

de oferecer a essas palavras a oportunidade de se re-inserirem num tipo de situação onde o próprio Cristo estaria mais em casa do que em qualquer igreja!⁹

Gosto muito de pensar no ato de *compartilhar* esse texto naquela barraca, naquela noite de Páscoa, como meu primeiro ato no papel que também gosto de chamar de *oficiante* de uma Educação Convivial – como expressão do *sentimento de sagrado* experimentado em tais momentos. Inseguro, cheio de equívocos ao tentar dar continuidade a esse passo... de um modo ou de outro, por alguns meses o apartamento em que estava residindo foi um ponto de referência para jovens na cidade de Ponta Grossa.

3.1.7. A antroposofia e outros saberes do mundo

A busca de alternativas tanto a uma faculdade insatisfatória quanto ao convívio entre jovens que avançava para áreas perigosamente destrutivas me levou primeiro à ioga – não muitas aulas, pelas quais porém toda gratidão que possa ter ainda é pouca¹⁰ – e logo a um curso ministrado pelo holandês Lex BOS em São Paulo (janeiro de 79).

Aí descubro a Pedagogia Social desenvolvida por Bernard LIEVEGOED, inspirada por sua vez no pensamento de Rudolf STEINER e sua Antroposofia. Isso foi percebido imediatamente como um aporte riquíssimo a uma busca já em curso, mas de nenhum modo – é preciso dizer – como um começo ou recomeço do zero.

No mesmo ano vou para o Emerson College, Inglaterra, centro de educação de adultos de inspiração antroposófica, criado pelo admirável pedagogo Francis Edmunds – o qual costumava falar em “comunidades de dons” e em “ilhas de renovação cultural”. Esperança de encontrar viabilização para uma vida comunitária com agricultura, educação, artes e espiritualidade.

Não tenho dúvidas de que o discurso de Francis Edmunds ajudou a reforçar e sistematizar o “impulso de 68” que trazia em mim – e além disso o Emerson (que deve seu nome ao mesmo filósofo a quem devo o meu!) se mostra um lugar interessantíssimo pela oportunidade de *aprendizado convivial* com colegas de 25 países – entre eles a venezuelana Consuelo Vargas, que viria a ser a mãe de meus dois filhos –

... mas, além da decepção de encontrar aí carreiras tão isoladas e estanques quanto em universidades convencionais, percebo que simplesmente por se tratar de uma instituição de ensino paga, e cara, não serve como modelo frente às reais necessidades do Brasil.

Porém, entre outros marcos, o casal americano Mark Feedman e Chela Lightchild me faz estudar Paulo Freire aí pela primeira vez – em inglês... – enquanto sua conterrânea Judy Hurley (hoje Bloomgardner), veterana de mosteiros zen e de todos os movimentos alternativos imagináveis, nos instrui sobre a revolução pelo sentar em círculo – e sobre a fidelidade a si mesmo como caminho obrigatório para quem quiser fazer qualquer verdadeiro bem à sociedade.

⁹ O original grego da tão solene abertura do Evangelho de João surpreende ao dizer: “e a Palavra se fez carne e *acampou* no meio de nós”, ou “instalou sua tenda entre nós”, ou mesmo “*em nós*” (João 1:14). É verdade que há aí uma referência à tenda onde originalmente eram guardadas as “tábuas” onde Moisés havia registrado a lei, no que vemos a radical sugestão “a lei divina não precisa mais estar fixada em tábua (ou livro), pois vive em pleno corpo humano”. – Quanto ao trecho de I Coríntios, há aqui um relativo paradoxo, pois as palavras mencionadas não nos são reportadas como de Cristo e sim como de Paulo de Tarso, no ver dos estudiosos a pessoa que começou a transformar o legado original de Cristo no que veio a ser a doutrina cristã; mas, como a de todos os pensadores e escritores, a obra de Paulo não é homogênea, e esse é um momento em que ele parece estar de fato muito próximo do espírito original desse legado.

¹⁰ De modo especial à simplicidade-com-profundidade do ensino da mestra Riva Pimentel. No aspecto teórico, tive também algumas aulas no grupo Ananda Marga, que atualmente vem conquistando justa projeção com a divulgação da PROUT, ou Teoria da Utilização Progressiva, proposta de organização social e econômica de seu fundador P.R.Sarkar (ver MAHESHWARANANDA 2003 ou www.prou.org/por). – Não acho justificável grafar essa palavra como “yôga”, fora dos padrões ortográficos da língua portuguesa, na qual tem entrada documentada há mais de 100 anos. Tampouco há razões para “corrigir” o gênero com que foi usada inicialmente conforme seu gênero em sânscrito, pois as leis sintáticas de uma língua não se transferem a outra.

3.1.8. Educação Convivial, pré-história I: Guarapuava, 1982-84

De volta à cidade da minha infância, Guarapuava, agora vivendo num sítio a 8 Km do centro, começo a convidar jovens conhecidos pelos bares, reuniões políticas, festas... Acredito que se interessarão em fazer daquele sítio uma experiência de vida comunitária e cooperativa.

Inexperiência e fracasso absoluto.

Ou não? Em 2005 a Trópis recebe a visita de Samuel Fonseca, Gerente Geral de uma agência da Caixa Econômica Federal na capital paulista. Este diz aos jovens presentes que foi aluno da primeira turma deste sistema. E que se hoje é capaz de atuar em posição de gerenciamento de pessoas, isso se deve ao tempo passado naquele sítio em Guarapuava, naquela época!

(Embasamento teórico? Bom... *a gente conversava de tudo um pouco*, aquele tempo; mas o que ele enfatiza até hoje foram as horas de debate interior e exterior que finalmente o levaram a aceitar *lavar uma panela*... Sem falar da ajuda com as crianças, pois nesse tempo participavam da comunidade meu filho com 2-3 anos e minha filha com meses, além de enteados de 6 e 8, e às vezes uma sobrinha de 2...)

3.1.9. Educação Convivial, pré-história II: Botucatu, 1987-90

Trabalho como editor e docente no então Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural,¹¹ dentro do aglomerado de iniciativas “alternativas” surgido em torno da fazenda Demétria, fundada em 1974 na região de Botucatu, SP – mas apesar de respeitar muito o trabalho realizado lá “oficialmente”, não sinto nele o mesmo impulso da Pedagogia do Convívio (ou do que depois ganharia esse nome).

Essa, porém, não deixa de fazer-se acontecer: à noite alunos dos cursos do Instituto (geralmente de nível universitário) vêm informalmente à minha casa conversar sobre – por exemplo – dificuldades com drogas, relacionamento familiar... ou simplesmente música e idéias em geral. Descubro depois que a mesa sempre posta com café e pão é comentada como marca do lugar.

Vem viver lá também um amigo de história pessoal extremamente sofrida, o pintor João Bonetti, um dia punk e auxiliar em fábrica de pianos, o qual luta anos com o tremor das mãos até conseguir realizar o que quer em arte, desenvolvendo técnicas pessoais para isso. Aí se muda para outra cidade onde começa sua vida propriamente adulta, e tem uma filhinha a quem chama Leticia (= alegria).¹²

3.1.10. Ultrapassando a dimensão pessoal (virando Trópis)

Apoiado no trabalho que realizava no Instituto Biodinâmico, busquei a oportunidade de passar um ano de estudos na Alemanha (1990-91). A intenção mais profunda era conseguir olhar o Brasil de fora mais uma vez, sobretudo para reavaliar as opções feitas a partir de uma tal visão dez anos antes, na Inglaterra.

Já da primeira vez o impacto maior havia sido a percepção da dimensão e do papel estrutural da desigualdade na sociedade brasileira, mas a opção havia sido a de contribuir para o desenvolvimento de possibilidades de vida humanamente ricas no meio rural, como alternativas à vida urbana.

¹¹ Essa instituição era o desenvolvimento do escritório de coordenação iniciado por mim por delegação do I Encontro sobre Agricultura Biodinâmica na Brasil, que aconteceu por minha iniciativa em julho de 1982 no Centro Paulus (Parelheiros, São Paulo); antes desse nome, tal escritório provisoriamente os nomes Deméter - informação em agricultura biodinâmica - e Centro Deméter; hoje o Instituto Biodinâmico passou a ser uma entidade de certificação de qualidade, tendo repassado as demais funções daquela época à Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica e ao Instituto Elo.

¹² Em 2006, depois de aproximadamente 13 anos sem contato, **João Bonetti** veio passar uma temporada na Trópis em Praia Grande. Devido a um acidente tem hoje visão em um só olho – e essa ainda bastante limitada – porém continua pintando admiravelmente! Amostras do seu trabalho se encontram em <http://jbonetti.tropis.org>.

Dez anos depois, me veio a impressão de que essa visão pode estar correta no longo prazo, mas que minhas habilidades pessoais específicas teriam pouco a contribuir nos longuíssimos primeiros passos de sua implantação – pelo menos em comparação com o que poderiam no palco onde as questões humanas mais urgentes e dramáticas do país haviam passado a acontecer depois de algumas décadas do processo de urbanização mais vertiginoso da história da humanidade: a periferia das grandes cidades.

Dentro disso tornou-se nítido ainda que o nome da maior das questões era “educação” – entendida em um sentido humano amplo, muito além do que cabe no quadro das disciplinas escolares. E mais: que o foco principal de intervenção teria que estar *nos jovens*. Mas como?

Do lado teórico, já nos tempos de Botucatu eu insistia sobre a necessidade de entender as especificidades da vida em ambientes tropicais, inclusive as culturais – e foi investigando a idéia do “tropical” que em agosto de 1992 me deparei com a palavra grega “trópis” – quilha de barco, rumo, direção (v. 2.2). Ao mesmo tempo, buscava entender cada vez mais dos universos culturais indígena, africano e afro-brasileiro (o que resultou em trabalhos como *Três raízes, dez mil flores* – RICKLI 1992 – e *O dia em que Túlio descobriu a África* – RICKLI 1997).

Já pelo lado prático, pensei em começar por aprender de experiências anteriores, e busquei aproximação com a Associação Comunitária Monte Azul, que, partindo do universo antropológico, atuava desde 1979 na favela do mesmo nome, na Zona Sul de São Paulo.¹³

Aí desenvolvi durante algum tempo atividades várias com adolescentes aprendizes da marcenaria. Um deles, W, apresentava uma estranha combinação de extrema inteligência verbal e conceitual (p.ex. capacidade de leitura acima dos padrões universitários), e extrema dificuldade de aprendizado operacional (como na escrita ou contas básicas). Era aluno de classe especial de 3.^a série fundamental.

Num cair de tarde de 93 sentei depois da aula para um café na padaria da associação, no coração da Favela. W chegou timidamente: “tio, me paga um pedaço de bolo?” Lembrei do que havia visto há pouco na ficha dos alunos, e disse: “Senta aqui, amanhã você faz 14 anos e eu não vou estar aqui, vamos comer juntos um pedaço de bolo pelo seu aniversário”.

Por razões várias não segui trabalhando na Associação Monte Azul, mas acompanhei o caso de W intensivamente por dois anos, na minha casa, e depois um pouco mais de longe, até ele concluir o ensino médio – coisas que já fazem parte de outro capítulo.

É verdade que a Associação Trópis só foi registrada cinco anos e meio depois – e por outro lado já chamei de “Marco Zero da Educação Convivial” um outro momento, 14 anos antes. (*Uma concepção?* Aliás, curiosamente, foi bem pelos dias em que W nasceu).

Porém todo o trabalho que já realizamos com a Associação Trópis, e em associação explícita com os nomes Educação Convivial e Pedagogia do Convívio, se desenvolveu de modo contínuo a partir *daquele* momento: o entardecer de 5 de março de 1993, onde foi partilhado um pedaço de bolo e um pouquinho de conhecimento, mas sobretudo um vasto bocado de **interesse humano recíproco**.

É *disso*, afinal, que se trata: tudo o que possa haver além disso é complemento!

3.1.PS: Complemento à história pessoal

Para a compreensão de diversos aspectos deste volume pode ser indispensável ter conhecimento de um dado biográfico pessoal posterior: meus estudos na USP (Universidade de São Paulo).

¹³ Para mais informações sobre o trabalho da Associação Comunitária Monte Azul, ou ACOMA, ver CRAEMER e também www.montezul.org.br

Já na Alemanha, a decisão de trabalhar entre jovens de periferia havia sido acompanhada do projeto de um ano de estudos em *teatro como meio de educação*. Não consegui apoio para isso, mas a idéia permaneceu, e em 1994 entrei na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Em 1977, ainda no Paraná, havia interrompido o curso de Educação Artística com habilitação em Música, e agora retomava o que é oficialmente o mesmo curso, só que com habilitação em Artes Cênicas.

Quem vê uma vida de fora poucas vezes entende suas reviravoltas; para alguns conhecidos foi a prova de eu ser *um sujeito que não sabe o que quer*: “teatro, agora!” É compreensível, enfim, que fosse difícil perceber – mas também não me perguntaram... – que tanto a decisão de estudar agricultura, 15 anos antes, quanto a de retomar o campo da arte-educação (apenas reconsiderando qual das artes seria mais adequada às intenções do trabalho) fossem passos de uma mesma coisa: a busca de caminhos educacionais e existenciais mais adequados aos jovens brasileiros reais.

Infelizmente depois de apenas um semestre ficou patente a inviabilidade de um curso de horário integral naquele momento de vida, e tive que deixar a ECA. Passei os anos seguintes dando aulas de idiomas para executivos *in company*, enquanto desenvolvia pouco a pouco o trabalho com os jovens de periferia.

Finalmente, apostando em que uma tal experiência educativa encontraria mais atenção social caso proposta por alguém que contasse com o reconhecimento como especialista em educação, ingressei em 1997 no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da mesma USP, com previsão de concluí-lo em 2000.

Só que... 1998 e 99 trouxeram finalmente uma *enorme* expansão do trabalho com jovens (como se verá adiante), e tendo que optar, priorizei mais uma vez o trabalho prático em detrimento do curso – levado daí para frente “em banho-maria”, com longos períodos de afastamento.

Em março de 2006 comemorei 30 anos de atividade docente, iniciada com alunos de piano e de musicalização em São Bento do Sul, no que já parece ter sido outra encarnação...

... e em dezembro de 2006, concluí, finalmente e ao mesmo tempo, esta coletânea de trabalhos sobre a Pedagogia do Convívio... e a minha graduação em Pedagogia na USP – um curso acompanhado na realidade não das 300 horas de estágio curriculares, mas do que estimei em, apenas ao longo do curso, cerca de 9 mil horas de atividades práticas em docência, planejamento, pesquisa e administração em educação...

3.2. CONEXÕES NAS HISTÓRIAS DO MUNDO

Entre as muitas ilusões que, como todo mundo, seguramente tenho, garanto que não se conta a de estarmos fazendo (na Trópis e com a Pedagogia do Convívio em geral) algo de historicamente inédito.

Pelo contrário: sinto que, pelo menos em parte, estamos tentando é recuperar certas qualidades que foram fundamentais na Educação na maior parte do caminho já percorrido pela humanidade, e que apenas recentemente foram sendo abandonadas em favor de um modelo burocrático ou industrial (*linha de montagem...*)

Isso não quer dizer, porém, que nos deixemos seduzir por essa *outra* ilusão tão comum: a de que modelos surgidos num momento sirvam em outro em sua forma original – pois um mesmo espírito (atitude, impulso) sempre gerará formas novas se for aplicado em novas circunstâncias.

Se em determinado contexto se encontra uma forma igual à de um contexto anterior, não se tem aí uma atuação direta ou viva do espírito que gerou essa forma, mas apenas uma memória de sua atuação passada – como a marca deixada por um

sapato –, memória essa incapaz de enfrentar novas situações de modo criativo – ou então é que temos francamente a atuação de um outro espírito, não criativo e com pendores à simulação.¹⁴

Feita essa ressalva, direi que costumo ver uma “conversa” ou algum tipo de parentesco de nossa Pedagogia do Convívio com pelo menos quatro momentos *ou modelos* que, para aproveitar uma aliteração brincalhona e útil à memória, podemos nomear como **Aldeias, Academias, Abadias e Aprendizados** – embora algumas outras palavras (como “mosteiros”) pudessem ser mais precisas.

Não pretendo aqui estudar nem relacionar de modo exaustivo as virtudes de nenhuma dessas instâncias, mas apenas pincelar alguns dos aspectos que me chamam atenção em cada uma delas.

3.2.1. Aldeias

O que mais me chama atenção na vida de aldeia é o modo como as crianças circulam pelos diferentes espaços, com frequência juntas com as da mesma idade e com as mais velhas, que assumem nisso certo grau de responsabilidade de modo mais ou menos espontâneo – e como nisso vão ganhando um panorama da vida da sua comunidade em suas diversas variantes. Lá onde estiverem, os adultos presentes se sentirão responsáveis por todas, não apenas por seus próprios filhos ou parentes próximos.

Naturalmente nem sempre é confortável ter crianças brincando por perto, porém o fato de tê-las a maior parte do tempo tem também uma dimensão pedagógica *para os adultos*: não os deixa esquecer em nenhum instante da realidade do corpo social em que vivem, e pode servir de freio à *sua* própria infantilidade (sim: a dos adultos).

É provável que os poderosos da humanidade tivessem cometido bem menos irresponsabilidades se tivessem tido que tomar suas decisões na presença participante de seus filhos, e não desassistidos em suas brincadeiras de poder pretensamente solenes, tão frequentemente com farta irrigação alcoólica.

Por outro lado, as crianças permanecem incômodas por muito menos tempo – ou seja: conquistam mais cedo certo traquejo e maturidade – quando têm a oportunidade de viver na presença da vida adulta real (isto é: não meramente de uma simulação de vida com pretensões pedagógicas). Entender que há pessoas receptivas, ranzinzas, sérias, alegres, tristes... que há coisas que se fazem ou se dizem em um lugar mas não em outro... todos esses dados elementares de socialização acontecem aí de modo muito mais eficiente que mediante qualquer instituição imaginável da vida moderna.

Também é extremamente rico o fato de que as crianças se vejam logo frente ao mundo adulto, ou à comunidade como um todo, *sem a intermediação constante dos pais* – intermediação que em nossa sociedade com frequência atrapalha o amadurecimento dos filhos até mesmo idade adulta adentro.

Mais uma coisa propiciada por essa situação é a descoberta gradual da afinidade com esta ou aquela das atividades ou ofícios cultivados na comunidade, frequentemente iniciando já na infância os vínculos que levarão a uma relação mestre-aprendiz e a uma entrada na vida adulta muito menos despreparada que a dos jovens na sociedade moderna.

¹⁴ Sei que a linguagem que acabo de usar pode provocar estranheza em alguns leitores – e peço-lhes alguma paciência... A aplicação de rótulos classificatórios (p.ex. “isso é platonismo”) seria o modo mais seguro de *não* chegar de fato ao que está sendo dito; seria, aliás, um exemplo literal e preciso de pré-conceito. Não estou aí propondo uma teoria e sim falando de um *fenômeno* que qualquer um pode *observar*; em lugar de “espírito” e “forma” poderiam ser usadas outras palavras na descrição, e o fenômeno permaneceria o mesmo. Por outro lado, minha forma de compartilhar *experiências de entendimento* é a mesma de quem cozinha e põe algo à mesa com alegria quando aparece um visitante, conhecido ou não. Quer dizer: *convido* calorosamente o leitor a *experimentar* antes de tomar qualquer outra atitude possível – das quais muito pior que jogar sumariamente no lixo seria arquivar burocraticamente em gavetas rotuladas sem ao menos ter sentido o sabor em sua própria boca!

São fatos como esse que se expressam no ditado africano “*é preciso toda uma aldeia para educar uma criança*”, não à toa escolhido como epígrafe do primeiro artigo que escrevi sobre a Pedagogia do Convívio (incluído como 1 neste volume).

Mesmo nos grandes aglomerados populacionais atuais, uma tal educação pode ser conseguida, pelo menos em alguma medida, por grupos que tenham um efetivo senso de comunidade. Infelizmente isso ainda acontece com menos frequência por escolha (o que os norte-americanos chamam de “comunidades intencionais”) do que como consequência de um ou de outro tipo de discriminação e/ou rejeição entre diferentes grupos sociais.

Esta última declaração traz à baila o outro lado da moeda: os *problemas* da dimensão-comunidade, quer como aldeia ou em outras formas tradicionais, quer como círculo ou rede entremeados na sociedade mais ampla. Alguns exemplos:

- conter um repertório muito restrito de possibilidades humanas;
- reprimir de um modo ou de outro os impulsos de experimentar outras formas-de-ser que não as já conhecidas na comunidade, especialmente em crianças e jovens;
- acobertar atos indefensáveis por irmandade ou compadrio;
- concentrar forças de resistência a mudanças necessárias ou desejáveis...

Por todas essas razões falo de “reinventar” a aldeia, não apenas “reencontrá-la” ou “restaurá-la”. E onde há vontade, não temos dúvida de que a inteligência e a sensibilidade são capazes de, juntas, realizar aperfeiçoamentos e viabilizações.

Mas por que insistir no modelo se, como acabo de dizer, ele não deixa de ter seus perigos?

De modo nenhum se trata de “romantismo”, “utopismo” ou de coisas semelhantes: todos os outros modelos também têm seus perigos – às vezes os mesmos da aldeia, às vezes outros, mais freqüentemente uma mistura – e por outro lado raras vezes têm mais que uma fração das *virtudes* ou poderes positivos da aldeia ou comunidade, sobretudo na educação.

Suspeito que decorra disso, pelo menos em boa parte, o sempre mencionado estado de crise que já parece ter se tornado parte integrante dos sistemas educação: **é preciso “aldeia” (comunidade) para que haja educação, e não haverá educação sem que se reinvente a comunidade. Pelo menos não uma educação que capacite o ser humano a não ser anti-social, ou seja: um ser em guerra permanente com a própria natureza humana, que é a de ser vivo associativo.**¹⁵

3.2.1.1. E AS TAIS NOVAS TRIBOS? - UM POUCO DE SOCIÓLOGO-LOGIA

Aqui quase escuto alguém me perguntar se não concordo com as idéias do sociólogo francês Michel Maffesoli (entre outros), de que já entramos num novo “tempo das tribos”, onde predominam os valores do local, da proximidade, das escolhas por afeto – valores comunitários, enfim –, e que isso representa ainda um declínio do individualismo.¹⁶

A pergunta é útil, pois respondê-la exige a explicitação de uma fundamental tomada de posição quanto a um conceito sociológico fundamental – para o que peço licença especial, pois o meu conhecimento do *corpus* teórico dessa disciplina é bastante limitado!

Esse conceito é a distinção entre “comunidade” e “sociedade”. Ouço dizer que foi fixada por Ferdinand TÖNNIES numa obra de 1887 (*Gemeinschaft und Gesellschaft*). Uns 30 anos depois, em *Economia e Sociedade*, Max WEBER diz que “comunidade” se refere a relacionamentos sociais baseados no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) de participar da constituição de um todo – enquanto que “sociedade” seria

¹⁵ O que penso ser a tradução de *zōon politikón*. mais adequada à percepção do mundo que temos hoje. Essa expressão usada por ARISTÓTELES em sua *Política* é comentada em diversos artigos deste volume, especialmente em 8 e 12 – do que não se deve depreender que tenhamos afinidade com o pensamento desse filósofo como um todo, como deixa claro o segundo desses artigos.

¹⁶ *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas*. MAFFESOLI 1998.

uma estruturação baseada em relações de interesses de natureza racional. (Textos dos dois se encontram em Florestan FERNANDES, 1973).

Passados outros 90 anos, no entanto, parece difícil sustentar uma divisão nítida entre afetivo e racional, como se evidencia inclusive de estudos neuro-cognitivos como os de DAMÁSIO, IZQUIERDO e tantos outros. E olhada com honestidade, a suposta racionalidade das relações de sociedade se mostra geralmente uma imposição com motivos bem pouco racionais!

Minha percepção pessoal parece identificar “por aí” hoje um vago consenso, pouco consciente, que reconheceria as seguintes distinções entre sociedade e comunidade:

Antes de mais nada, dizer que “sociedade” no sentido macro (p.ex. “a sociedade brasileira”) tenha algo a ver com o sentido contratual de “sociedade” (p.ex. uma sociedade comercial) é ou um grande engano ou, de uma vez, um embuste. No mínimo porque a grande maioria das pessoas que participam de uma sociedade, no sentido macro, o faz involuntariamente. E é exclusivamente do sentido macro que falaremos a seguir.

Nesse consenso intuitivo e difuso, a diferença entre sociedade e comunidade seria antes de mais nada de *escala*, tendo como referência o alcance da percepção direta do indivíduo humano. Estudos recentes apontam que o limite máximo dos círculos de contatos pessoais se situa entre 120 e 150 pessoas – coisa que provavelmente a maior parte de nós presente intuitivamente (ver DUNBAR 2005, MANHART 2006).

Mais importante ainda, porém, seria a *direção do movimento* que constitui essas diferentes formações: “sociedade” evoca um todo que se impõe às partes como que de cima para baixo – ou melhor: *de fora para dentro*, ainda que os que vêm de fora *cercando* sejam poucos em comparação com o cercados, talvez como uns poucos boiadeiros que conseguem cercar um grande rebanho.

Essa mesma comparação aponta ainda para mais um aspecto: a um olhar histórico, nenhuma “sociedade” (no sentido macro) parece ter se constituído sem o uso de força (ou violência) pelo menos em algum momento. Em resumo: temos aí um todo que só se mantém pela compressão das partes.

Em contrapartida, a idéia de formação de comunidades sugere um movimento *das partes para o todo*. Provavelmente podemos dizer: um movimento de expansão das possibilidades de cada indivíduo através de conexões – o que, partindo de muitos indivíduos, vai gerar naturalmente uma complexa trama de redes que se justapõem e que se interseccionam aqui e ali.¹⁷ (É preciso advertir que, de modo geral, bairros e vilas dentro de uma cidade grande *não* são um exemplo real de comunidade, em que pese o esforço de tantos em afirmá-lo pelos mais variadas interesses doutrinários e/ou políticos).

Enfim: com “comunidade” estamos falando então de uma formação inteiramente estruturada, uma rede molecular cristalina, ainda que viva e flexível, onde nenhuma pessoa deixa de ter conexões. Com “sociedade”, falamos no limite de um amontoado de partículas sem vínculos próprios entre si, mantido em determinada forma por uma minoria estruturada que a cerca.

Pois bem: passando os olhos pelos textos de Maffesoli encontro de fato uma porção de temas que são caros a nós da Trópis: o ressurgimento do sentimento comunitário a partir de relações pessoais; a ausência de atrelamento exclusivo do sujeito a uma só tribo ou comunidade; o *reencantamento* da nossa percepção do mundo (ver 2.5 e seção D); a ênfase em uma *razão sensível*, que tem a ver com o que chamo de *integração entre cognição analítica e cognição estética* (ver 8).

Mas o modo como essas idéias aparecem em Maffesoli me parece francamente confuso.

Na Pedagogia do Convívio falamos dessas coisas de modo assumidamente programático, propositivo, político.

¹⁷ Para uma exploração dessa mesma imagem estrutural no campo do ensino-e-aprendizado, ver 11.3.6.

Maffesoli diz estar sendo descritivo, como sociólogo... mas não se sabe de onde terá tirado essas descrições *como características do momento contemporâneo*. Fala sobretudo de segunda mão, referindo-se a estudos de outros autores... que na maior parte das vezes estão tratando dos fenômenos da dimensão “comunidade” *de modo geral*, e não no momento contemporâneo; aliás, até os exemplos dados pelo próprio Maffesoli procedem de momentos espalhados pela história.

Sem maiores análises, eu diria que as críticas que me saltam aos olhos são três:

(1) Não há nada de novo nos processos descritos como novidade por Maffesoli, a não ser sua *visibilidade* – conquistada em parte pela existência da internet, mas já de antes pela generalização das pesquisas de opinião informando a publicidade, os roteiros das novelas etc. *Talvez tenha havido mais mudança no foco do olhar dos cientistas sociais do que na própria sociedade*.

(2) Creio que Maffesoli generaliza excessivamente para a sociedade inteira as características típicas de movimentos de adolescentes e jovens, sem dar a devida atenção aos possíveis sentidos da variável “idade”. Também ainda não o vimos falar da manipulação intencional de tais movimentos através da mídia, com interesses de mercado.¹⁸

(3) Não me parece menos que fantasioso falar de um “declínio do individualismo” em nossa época. O próprio Maffesoli demole essa idéia ao enfatizar a vinculação de cada um hoje com múltiplas comunidades, no lugar da fidelidade a uma só. Supreende que não pareça perceber que a escolha desse *mix* único é precisamente uma expressão de... individualidade!

Mais ainda, falar de *declínio* equivale a dizer que *existiu* um momento anterior em que algum tipo de individualismo *foi dominante e generalizado em todo o tecido social*. E, honestamente, não vejo nenhuma evidência disso.

Pois a palavra “individualismo” sugere *opção*, e não o que temos tido na modernidade: isolamento e incomunicabilidade causados de fora para dentro, pela *imposição* da participação na estrutura gigântica e internamente amorfa chamada “sociedade”.¹⁹

Na sociedade moderna nos vemos sim *desassociados*, mas tão “indivíduos” quanto as bolinhas de isopor no enchimento de uma almofada, ou as “diferentes” bolhas numa garrafa de refrigerante.

Onde chegou a haver algo que mereça o nome “individualismo”, isso parece ter sido *um privilégio restrito* a elites econômicas ou intelectuais – das quais talvez se possa dizer que nunca deixaram de ser “tribos”, tendo as econômicas com certeza se empenhado em manter a maioria da população na forma de massa, “destribalizada”, em benefício da sua própria tribalidade... cultivada talvez *justamente por ser condição para sua simultânea individualidade*.

Pois, em lugar de se oporem, vejo que comunidade e individualidade *se pertencem*; é uma quem permite e quem gera a outra, de modo simultâneo e contínuo.²⁰

Donde a construção ou reconstrução intencional de comunidades dentro do corpo mesmo da sociedade, sendo autêntica, longe de significar uma desindividualização do

¹⁸ Do que falo no pequeno artigo *Os rebeldes programados da Dona Burguesia* (1999), em RICKLI 2006f, www.tropis.org/biblioteca/torpedos.html

¹⁹ “Imposição da participação” no mínimo pela eliminação de tudo o que pudesse ser opção alternativa ou, mais ainda, pela sua *cooptação* – que é o anzol que vejo na isca que é a palavra “inclusão”, cf. o recente artigo *Contra o mito da inclusão*, em www.tropis.org/biblioteca (RICKLI 2006g; também o artigo *Os rebeldes programados*, mencionado acima, fala da cooptação).

²⁰ Apesar de algumas diferenças de linguagem e perspectiva, é na verdade do mesmo fenômeno que Íris B. GOULART (1987) fala no belíssimo fechamento de seu estudo *Psicologia da Educação no Brasil*: “A construção da subjetividade não pode ser ignorada no processo da educação (...) uma vez que o homem produz uma síntese do seu Eu na medida em que transforma, conscientemente, os objetivos sociais em objetivos particulares e, segundo Heller, desse modo socializa a sua particularidade. Em contrapartida, [é] à medida que constrói a sua singularidade [que] o homem pode atuar sobre as condições objetivas da sociedade. Nisto consiste a visão dialética da educação (...)”

ser humano, deve representar, isso sim, um passo na direção da *universalização do direito de ser indivíduo* – o que talvez seja uma real novidade na história humana.²¹

3.2.2. Academias filosóficas

Uma linda imagem do que queremos dizer é a que se obtém do filme *O Destino* (1997), do diretor egípcio Youssef CHAHINE, onde vemos em toda a sua CONVIVALIDADE a *casa* – espaço de moradia, estudo, produção escrita e ensino – de Ibn Roschd, ou Averróes, em Córdoba, na Espanha árabe do século XII. Alunos de várias procedências – muçulmanos e cristãos – sentados à mesma mesa com o mestre, enquanto sua esposa não só a abastece com a conhecida fartura árabe, como também participa das discussões.

Sem dúvida não faltará quem questione a autenticidade histórica da imagem – questionamento, aliás, do qual nunca se estará a salvo ao tratar do passado. Mas para nossos fins isso importa pouco: temos aí a imagem de um ideal.

A própria palavra “academia”, como é bem conhecido, indicava a *casa* de Platão – o espaço que este, por volta dos 40 anos, criou nos arredores de Atenas para viver e ensinar. A palavra de certa forma eternizou o *endereço*, pois se refere a um bosque nomeado assim (já em bom estilo ocidental) em homenagem a um herói da cidade, Academo, que aparentemente não tinha nada a ver com os encontros de idéias e de vidas que viriam a ser celebrados sob seu nome.

Uns 80 anos depois (por volta de 306 a.C., época em que a vida em Atenas já era bem mais difícil) foi Epicuro quem estabeleceu uma casa *em volta* da qual ensinava – de entremeio ao trabalho prático em seus pomares e hortas.

Se quanto ao conteúdo das idéias me sinto bem mais próximo de Platão que de Epicuro, quanto à forma de convívio é este quem se mostra espantosamente próximo da nossa *práxis* cotidiana na Trópis. Vejamos o que diz Motta PESSANHA a respeito:

Se em Aristóteles a *philia* permanece ligada à aristocracia e aos homens que têm condição para se dedicarem ao ócio e à vida especulativa, no Jardim de Epicuro o direito à felicidade é aberto a todos, mesmo aos excluídos dos direitos de cidadania pela democracia ateniense: mulheres, estrangeiros, escravos. No epicurismo a *philia* se universaliza e se expande no tempo, em direção aos pósteros, “que também são nossos”, como lembra Diógenes de Enoanda.²²

E mais:

... a *philia* é também instrumento indispensável ao *artesanato ético interior*, pois a presença do amigo auxilia a procura e a manutenção da sabedoria, que ele igualmente persegue (grifo meu).

E citando o próprio Epicuro:

De todas as coisas que a sabedoria nos oferece para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade.

Amizade. *Philia*. Convívio...

3.2.3. Abadias (mosteiros, ordens monásticas)

Se convido o leitor a rememorar (em poucas linhas) um quadro histórico que é em si bastante conhecido, é para fazê-lo com ênfase não usual em alguns traços que remetem à nossa própria situação, no Brasil atual.

Europa Ocidental, meados do 1.º milênio d.C.: o esboroamento das estruturas romanas de poder havia *deixado exposto* o amontoado de diversas tradições culturais

²¹ Esta conclusão é concorde com o que vejo de melhor nas idéias do autor justificadamente controverso que é Rudolf STEINER – com as quais não concordo “por atacado” mas tenho que reconhecer como um gigantesco repositório de *insights* instigantes e consistentes que seria estúpido desperdiçar!

²² José Américo Motta PESSANHA, *As delícias do jardim*, p.79. Em BIGNOTTO et al. 1992. Epicuro e Pessanha são mais uma “suculenta” pista que devemos ao professor e amigo Marcos Ferreira SANTOS.

que a sociedade *havia sido o tempo todo* por baixo da camada de reboco do poder: remanescentes celtas, elementos germânicos dirigindo-se para a frente do palco, remanescentes basco-ibéricos ainda mais antigos, representantes da diáspora judaica, a fração plebéia dos próprios romanos e sabe-se lá o que mais.

Como em certo país que conhecemos, nenhuma dessas diferentes correntes conservava íntegras e em pleno funcionamento suas instituições tradicionais. E de repente se vê que determinada seita exótica, que levava séculos se infiltrando a partir de suas origens na Palestina, havia passado a ser o elemento cultural comum, a única linguagem que permeava toda essa variedade cultural caotizada no que diz respeito a instituições.

Fala-se às vezes dos mosteiros medievais como “arcas de Noé” que teriam salvado a cultura, um bem que teria sido inventado por gregos e romanos, da destruição por bárbaros *sem cultura*. Naturalmente essa visão é insustentável diante dos olhares antropológico e historiográfico de hoje. Os bárbaros não tinham a cultura grega nem a romana – mas tinham as *suas* culturas (embora aqui já fragmentadas, como acabo de dizer); e a cultura que termina por emergir dos mosteiros não é a cultura greco-romana restabelecida – e sim uma cultura *nova*, que nunca havia existido antes.²³

Por isso, muito mais que como “arcas de Noé”, tendo a ver os mosteiros como **laboratórios de experimentação social e cultural, de invenção e desenvolvimento de novos valores e instituições.**

Naturalmente vale aqui a observação feita no início deste capítulo: *modelos surgidos num momento nunca servem em outro em sua forma original*. Ou então, em lugar de todo o esforço de desenvolvimento de uma Pedagogia do Convívio, bastaria fazermos campanhas pela imposição da Regra de São Bento a toda a sociedade...

Obviamente não é o que proponho – mas isso não quer dizer que não tenhamos a aprender de refletirmos sobre o espírito ou funções mais profundas por trás das formas das regras dos mosteiros. Por exemplo:

Ora et labora: em uma tradução a seco, “ore e trabalhe!” – uma receita de vida que dificilmente seria popular hoje, e que, mais: soa francamente opressiva. Mas que vai soar completamente diferente em um outro tipo de tradução: “cultive uma dimensão de transcendência na sua vida: tome tempo para se ‘antelar’ com sentidos e valores maiores que o utilitarismo cotidiano – mas não perca de vista o cotidiano concreto: assumo-o como campo de atuação e criação, aplique-se com amor em melhorá-lo... Em suma: integre em si a dimensão vertical e a horizontal.”

Ou os famosos votos: *pobreza, obediência e castidade...*

“**Pobreza**” significava em geral não ter posses *personais* – porém não poucas vezes monges foram acusados de viver em riqueza e excesso... em meio aos bens *da ordem*. Hoje, com o discurso da sustentabilidade, qualquer pessoa lúcida já reconheceu que o planeta não tem condições de oferecer equipamentos de conforto pessoal a todos... *individualmente* (situação que, inclusive, deixa equipamentos ociosos a maior parte do tempo), e que precisamos desenvolver formas inteligentes de *uso compartilhado de recursos*, que não precisam significar um rebaixamento de qualidade. Estamos falando de quê?

Também é bastante estranha ao nosso tempo a idéia de **obediência** a superiores hierárquicos; muito mais forte é o apelo da autonomia ética. Só que... como lidar com situações em que a consciência de cada um ordena diferente? Em nosso “laboratório de convívio” (e em muitos outros, como na Sociocracia de Kees Boeke e Gerard ENDENBURG²⁴) experimenta-se com a construção de consenso em círculos igualitários

²³ Para uma quebra dos preconceitos usuais sobre o que foi a “Idade Média”, ver Régine PERNOUD (1979), *Idade Média: o que não nos ensinaram*.

²⁴ Sistema de decisão proposto em 1945 pelo educador pacifista holandês Kees Boeke, com base na tradição *quaker*, e que vem sendo desenvolvido por seu aluno Gerard ENDENBURG, industrial que abriu

(ou que pelo menos se esforçam por sê-lo). Ao falar de respeito às decisões grupais de cuja elaboração se participou – se necessário levando-as de novo à discussão, mas nunca quebrando-as ou abandonando-as arbitrariamente... estamos falando do quê?

A **castidade** pode parecer a charada mais fácil de matar: poderia significar apenas “absoluta responsabilidade no uso da própria sexualidade” – porém na realidade é de longe a mais complicada: como as pessoas podem se responsabilizar por algo que séculos de repressão não foram capazes de extinguir, mas foram capazes sim de *manter fora do alcance da consciência* (além de com frequência *deformar*)?

Este assunto tão cheio de meandros é matéria para outro artigo, em outro livro... Para as finalidades limitadas do momento, propomos fazer vista grossa às implicações e complicações ideológicas²⁵ e admitir na idéia da castidade suas declaradas intenções de *libertação* (que as pessoas *não sejam escravas de seus desejos instintivos*). Nesse caso, a primeira coisa que sua compreensão atualizada requer é, por estranho que pareça, uma atuação no sentido da *desmontagem da repressão* – ou uma educação que ajude o indivíduo a resgatar sua própria sexualidade da esfera da repressão para a de uma efetiva autonomia – no mínimo porque só depois disso se poderá falar de responsabilidade.

Mas não será de estranhar se justamente nesse ponto nos depararmos com uma floresta de incompreensão! Wilhelm Reich que o diga – e Dona Repressão que o explique!

Podemos ainda enfeixar alguns pensamentos a partir do que talvez seja a mais detalhada imagem do monasticismo medieval a chegar ao grande público nas últimas décadas: o romance *O Nome da Rosa*, de Umberto ECO, e o filme dele resultante.

O primeiro a notar, é o gigantismo e a complexidade muitas vezes opressiva a que esses mosteiros chegaram, o que mais uma vez *não* é o que nos interessa na Pedagogia do Convívio, a não ser como contraste: uma organização social em círculos terá provavelmente que inventar meios de *limitar* seu crescimento, para atingir escala mediante a associação de círculos em redes, e não pelo crescimento dos círculos individuais.²⁶

Diz-se também que a própria agricultura ocidental, sobretudo a horticultura, deriva dos mosteiros – e não é de duvidar, pois vemos aí a ordenação geométrica das linhas, a rígida separação das espécies... coisas que a ciência agrícola ecológica veio a rejeitar no século XX, sobretudo para os trópicos, onde se descobriu que o modelo ideal é a mistura de espécies de diferentes alturas que africanos e ameríndios praticavam, e que pareceu uma terrível bagunça quando os bárbaros já “mosteirizados” chegaram por aqui...²⁷

Há ainda um aspecto sem dúvida pertinente, mas que neste momento prefiro deixar à reflexão do próprio leitor: o modelo do internato religioso como escola. Embora também seja possível encontrar virtudes no modelo-internato (como em tudo – ver a propósito o último parágrafo de 3.2.3), definitivamente não é *isso* o que propomos: padronização, anulação das diferenças individuais, repressão da afetividade e sexualidade nascentes para os campos da culpa e/ou da hipocrisia, etc... Uma pista para essa reflexão poderia ser: *por que razões um internato não é de fato uma*

mão do poder em sua própria empresa como demonstração da viabilidade do sistema. Cabe observar que nada tem a ver com as visões do positivista Auguste Comte, que também usou a palavra sociocracia. – Trabalhos em português e mesmo em inglês ainda são escassos. Endenburg publicou em 2002 um volume sobre o assunto, em holandês – referido na Bibliografia porém não consultado. Mencionamos aqui alguns sites a respeito localizados em 01.11.2005:

- <http://www.ecovillages.com/Pages/governance.html>
- <http://lists.cohousing.org/archives/cohousing-l/msg11473.html>
- http://www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic_me=455

²⁵ Para o que poderíamos nos reportar a, entre muitos outros, CHAUI (1984), *Repressão sexual*; DORIA (1974), *Marcuse, vida e obra*; e ROBINSON (1971), *A esquerda freudiana*.

²⁶ Será bastante útil recuperar às argumentações clássicas porém já tão esquecidas do economista E.W. SCHUMACHER (1979) em seu *O negócio é ser pequeno*.

²⁷ A esse respeito, veja-se a chamada *permacultura* – entre outras propostas.

comunidade? Com que mudanças poderia passar a sê-lo, mesmo sem perder sua dimensão pedagógica?

Enfim, talvez a forma geral dos nossos cuidados, ao resgatar para hoje as contribuições do monasticismo, deva ser a seguinte: *restringir o impulso de restrição*; pôr rédeas no impulso de regulamentação... ou, em outras palavras: o *minimalismo* (de que tratamos rapidamente neste volume em 2.3.3 e em 12.3.2, e será tratado mais amplamente no volume **Filosofia do Convívio**, previsto para 2007).

E isso nos faz lembrar, finalmente, que o monasticismo não é um fenômeno exclusivamente cristão, mas que se encontra também em inúmeras outras religiões do mundo – e dentre essas reconheço em nossa Pedagogia do Convívio considerável influência especificamente do taoísmo e de algumas formas que o budismo assumiu (em parte sob influência do taoísmo) na China (*chan*) e Japão (*zen*) – e isso muito especialmente em uma das suas idéias: o minimalismo...²⁸

Guardamos ainda uma palavra sobre mosteiros para 3.2.6, para terminar este capítulo.

3.2.4. Aprendizados (casas de mestres de ofícios)

Este é possivelmente o exemplo mais problemático: falo das casas de mestres-de-ofícios onde aprendizes residiam, interagindo aí não só com outros aprendizes mas com a família do mestre – imagem já evocada quando falei da casa de Averróes, na seção sobre academias filosóficas.

Digo que o exemplo é problemático pois é fácil ver que um tal sistema oferece fartas oportunidades para exploração e abusos os mais diversos, e é possível mesmo que essa tenha sido a regra, não a exceção.

Ainda assim, não deixo de mencioná-lo porque, onde quer que tenha funcionando de modo correto e legítimo, deve ter sido um caminho de formação profissional e humana extremamente eficaz – diria mesmo que uma das instituições mais belas que a humanidade já teve oportunidade de ver.

Não direi muito mais, pois meu conhecimento da realidade histórica do assunto é francamente insuficiente para isso. Ignoro, por exemplo, se a sistematização dos aprendizados pelas famosas guildas, ou corporações de ofícios, teve impacto positivo, negativo ou nulo nas relações humanas a que nos referimos.

3.2.5. O inimigo histórico do Convívio: o monstro da Burocratização

Em situações como a suposta acima, pode-se por um lado pensar que uma sistematização ajudasse a coibir abusos – mas a verdade é que *ainda estamos para ver um caso em que institucionalização tenha acarretado melhora real em relações humanas*; geralmente o que faz é cristalizar a desconfiança mútua como regra, a inimizade mal e mal contida pelas formalidades como condição normal entre colaboradores, a cisão esquizofrênica entre uma vida oficial simulada e a vida real.

Se isso é inevitável nas situações sociais já doentes (como, por exemplo, é inevitável hoje a justiça trabalhista), não deveríamos nos conformar com carregar pelo resto da história humana esse macabro par de doenças mutuamente limitantes. Não desisto de crer que, como diz o lema do Fórum Social Mundial, “um outro mundo é possível”. Mas, de todos os mundos possivelmente possíveis, com certeza não será pelo acúmulo de mais leis, instituições ou regulamentações que chegaremos a um mundo *desejável*.

²⁸ Um exemplo-mestre de minimalismo de inspiração zen aplicado à prática (no caso a agrícola) se encontra em FUKUOKA 1978.

A tendência à burocratização, ou sistematização além do que é necessário-e-desejável para uma vida propriamente humana, não é de nenhum modo exclusividade do setor dito público; com meras variações de estilo, não está menos presente na miríade de feudos, ou Estados privados, que é o que o “setor privado” realmente é. Parece estar sempre à espreita em todos os lugares onde existe Vida, ávida de agarrá-la e desviá-la dos indivíduos e de seus pequenos grupos orgânicos para animar seus monstros meta-humanos, dentro dos quais o humano, embora muitas vezes ainda citado como *pretexto*, deixa de ser finalidade e é tornado peça.

É significativo, portanto, que a coleção de “A”s de que estamos tratando não inclua a palavra “Associações”. Naturalmente, iniciativas ou experimentos sociais como o que realizamos são associações de pessoas, num sentido sociológico ou antropológico. A *sociedade*, porém (o que é que dizíamos dela há pouco, em 3.2.1.1?) se recusa a trocar uma palavra que seja com uma associação que não esteja registrada legalmente – e ao registrar-se esta é obrigada a assumir uma das poucas formas pré-determinadas em lei, nenhuma das quais realmente ajuda a iniciativa a existir; pelo contrário: aos poucos a forma legal vai se revelando ser uma armadilha contra a natureza de qualquer iniciativa realmente inovadora e/ou humanizadora.

Para ficar em poucos exemplos: é impossível manter o registro sem os serviços de *no mínimo um* profissional cujo custo *mínimo* muitas vezes ultrapassa todo o restante dos gastos indispensáveis ao funcionamento da iniciativa. Títulos (como o de presidente), e com eles poder de decisão legalmente reconhecido, acabam tendo que ser entregues nas mãos de pessoas que não participam do cotidiano da iniciativa nem dependem do seu sucesso.²⁹ E mesmo quando mantidos dentro do grupo efetivamente participante, tais títulos com frequência exercem sobre seus portadores um efeito de tentação de poder pessoal, levando-os a se posicionarem contra os princípios que presidiram o surgimento da iniciativa e em defesa da forma legal que nega ou castra esses princípios, mas que beneficia sua posição pessoal.

Em resumo: a lei termina se mostrando uma salvaguarda nada ingênua da concepção-sociedade contra o ressurgimento da concepção-comunidade; ou da máquina que tem pessoas como suas peças contra a possível tentativa de (re)organização viva dessas pessoas a partir de si mesmas.

No filme *Matrix* o sistema se alimenta da energia física extraída de corpos humanos. No filme que já vivemos, a dupla engrenagem economia-burocracia se alimenta também duplamente: “vive” de consumir tanto a energia física da vida quanto tudo o que possa haver de nobre e de criativo em nós – ou mais: tudo o que em nós pudesse merecer o nome de “alma”.³⁰

3.2.6. Do mosteiro ao testamento de Dostoiévski

Para finalizar: talvez a imagem relacionada ao mundo monástico em que vejo mais significação para nós venha do romance-testamento de DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázovi*. Sem fazer votos, Aliocha, o mais jovem dos irmãos, vai passar uma temporada *de aprendizado* num mosteiro em busca de... do que mesmo? Possivelmente de uma visão para a vida, *um senso de sentido*. Integra-se aí ao círculo em torno do

²⁹ Depois de muitos anos de reivindicação pelos movimentos sociais, a Lei 9790/99, ou Lei da OSCIP, abrandou essa condição específica – porém a multiplicidade de órgãos públicos que exercem poder sobre uma mesma organização não hesita em continuar impondo aqui e ali condições contraditórias às de uma lei que teoricamente lhes seria superior.

³⁰ Um fantástico documento artístico das conseqüências disso é o poema *Socorro*, de Alice RUIZ (1999), musicado por Arnaldo Antunes e com diversas gravações, sendo a mais conhecida a de Cássia Eller: “socorro, eu não estou sentindo nada. / nem medo, nem calor, nem fogo, / não vai dar mais pra chorar / nem pra rir. // socorro, alguma alma, mesmo que penada, / me empreste suas penas. / já não sinto amor nem dor, / já não sinto nada. // socorro, alguém me dê um coração, / que esse já não bate nem apanha. / por favor, uma emoção pequena, / qualquer coisa que se sinta, / tem tantos sentimentos, / deve ter algum que sirva. // socorro, alguma rua que me dê sentido, / em qualquer cruzamento, / acostamento, encruzilhada, / socorro, eu já não sinto nada.”

stáriets Zózima, imagem do que seria um mestre espiritual cristão realizado em toda sua profundidade – o qual não deixa de encontrar resistências de parte de outros setores do mosteiro.

No final do romance, como em uma tragédia de Shakespeare, parece não restar nada de todos aqueles personagens, famílias e instituições... nem mesmo do mosteiro e da reputação do mestre Zózima. Se houve porém alguém a quem esse deixou seu impulso foi a Aliocha, que está de volta no mundo laico... e, por fatos que se dão predominantemente no espaço público das ruas, começa a ser reconhecido como um amigo *quase* de igual para igual por um punhado de adolescentes – punhado que a partir do encontro com Aliocha vai se tornando um círculo que encontra identidade ao ganhar entendimento da noção de “bem” como algo que brota da capacidade de sentir-com-o-outro, e que se realiza na experiência da solidariedade com alcance prático.

Isso me faz brotarem duas reflexões: uma, a de que **é nesse quase da expressão “quase de igual para igual” que está contida inteira a natureza do pedagógico em seu estado mais puro e efetivo.**

Outra, que ao fim de toda sua produção literária repleta de imagens de dor, humilhação, desnorreamento e destruição, foi *essa* a última imagem que Dostoiévski nos deixou – uma imagem que nos atinge com o *sabor* de um clarão no horizonte ainda tênue, mas diante do qual é impossível não recobrar a fé num amanhecer.

Um teto sob o qual, sem perder a dimensão das ruas, os jovens “de Dostoiévski” possam se encontrar e se aquecer com um chá... e diante do qual nas noites estreladas possam talvez acender mais uma vez a fogueira ancestral em torno da qual nos fizemos humanos... talvez isso seja tudo o que esperamos realizar.

3.3. PARA A MEMÓRIA DO EXPERIMENTO TRÓPIS

Concluimos o capítulo 1 falando do nosso encontro com o adolescente W na Favela Monte Azul, em São Paulo, sob o título “Virando Trópis”. Pois a partir desse encontro (1993) começou a crescer, de início lentamente, o meu envolvimento com adolescentes e jovens da região, até que três anos depois minha residência havia se tornado ponto de encontro, base de atividades e moradia comunitária.³¹

Durante 10 anos (de 1996 ao início de 2006) morei unicamente nesse tipo de situação, em um grupo que variou de 3 a 13 pessoas (contando, no último com caso, com 3 crianças pequenas, filhos de jovens-adultos participantes, entre elas minha neta. Nesse momento estávamos em São Vicente, SP, e dispúnhamos de 400 m² cobertos).

Quase tudo o que tenho a dizer neste livro decorre dessa experiência – onde não houve apenas a moradia comunitária, mas também aulas, saraus, shows, participações em congressos, montagens de teatro... além de reuniões, casamentos, conflitos, reconciliações... vida.

Não consideramos o experimento Trópis encerrado – mas *essa rodada* desse tipo de experiência concluiu-se por si. E possíveis novas rodadas virão com as novas características de um novo momento.

É hora, portanto, de registrar um pouco do vivido e do aprendido, para nosso próprio uso ou de outros, seja lá onde for.

Mas não achamos que seja o caso, pelo menos por enquanto, de fazer nenhum relato exaustivo. Achamos mais interessante e útil reunir uma pequena coleção de *flashes* de pessoas e de momentos emblemáticos (e poderiam ser dez, vinte vezes mais!) que sugira por si o que foi o conjunto da experiência, ao que juntaremos ainda uma cronologia resumida e alguns nomes e dados em caráter documental.

³¹ É conveniente deixar claro que, além de meus próprios filhos, apenas jovens maiores de 18 anos participaram da dimensão “república”, ou da efetiva moradia comunitária. Os mais jovens, geralmente de 15 a 17 e nunca menores que 13-14, costumavam participar de atividades específicas em horários limitados.

Para documentação visual, uma narrativa paralela a esta se encontra disponível na internet desde maio de 2006, em português e inglês, com o nome *Uma Foto-História da Trópis e da sua Educação Convivial* (acesso pela página www.tropis.org).

3.3.1. Pessoas

3.3.1.1. O PRIMEIRO

W sozinho daria um longo capítulo... Tinha feito 14 anos, lia em voz alta com entonação e fluência superiores (sem exagero) à maioria dos *professores* universitários – mas tinha dificuldades em escrever o próprio nome. Ficava paralisado se eu perguntasse quanto eram 3 x 7... mas acompanhava mentalmente conceitos de física quântica sem dificuldade e com *encantamento*. Depois de uns dias com meu guia da cidade de São Paulo, saiu de carro comigo; lá pelas tantas, longe de casa, disse de memória em que página do guia nos encontrávamos.

W era ridicularizado na favela porque, de tanto assistir a TV Cultura, falava o tempo todo com vocabulário científico e correção gramatical excessiva: precisei dar aulas de “fala errada” – que tanto não é *errada* que contém sua própria gramática implícita – para ajudar na sua socialização (“aprender a se portar no castelo e na choupana”, me havia sugerido um professor nos *meus* 15 anos...).

Só cabeça? Nesse tempo eu cantava no coral da Associação Monte Azul, dirigido por Renate Keller IGNACIO.³² Convidei W a tentar participar... e ele já na primeira vez cantou o baixo de peças a quatro vozes com mais facilidade que eu – que já *regi* coral. Parecia intuir serenamente que a música *só podia* ir por ali... Depois de poucos ensaios cantamos uma fuga de uma missa barroca; W saiu da experiência em êxtase: “eu estava... eu estava circulando no meio das galáxias!...” Retive-o por mais de uma hora até ter certeza que conseguiria entrar no barraco da família sem provocar reações destrutivas dos irmãos amontoados em torno do vídeo game ou da mãe esgotada.

No Centro Cultural Monte Azul, estou conversando com uma professora da Universidade Federal de Santa Catarina, convidada para a abertura da Mostra de Teatro anual; W se chega; ela comenta sobre seus olhos negros imensos e escancarados, e ele retruca com toda naturalidade: “É, eu *devero* o mundo com os olhos. E aí digiro com o coração.”

W era mantido no 3.º ano fundamental em uma classe especial, sendo exigido que visse uma psicóloga na APAE uma vez por semana – já fazia anos. Deficiente? Ou deficiente a pedagogia?³³

3.3.1.2. DO APRENDIZADO DO NÚMERO DOIS (NÃO POR ACASO) AO MOTOR A EXPLOSÃO

Um dia W chegou falando de um rapaz da favela, da mesma idade, que dizia pretender ser escritor. Falei para convidar... e logo conheci **VICENTE**,³⁴ que me pediu uma coisa que eu não fazia há muito: aulas de piano. Em quatro meses tocava bem duas ou três peças de segundo ano... e mudou de assunto.

Algum tempo depois Vicente criou com colegas e trouxe para dentro da Trópis o **Grupo Submundo de Teatro**, que criou e montou as peças *Esquina Brasil* e *45 Minutos de Amor*, e interrompeu as atividades em meio à criação de *Aos Homens Honestos*. Em 2000 escreveu por iniciativa própria um projeto de curso de Rádio

³² Autora de *Criança querida: o dia-a-dia das creches e jardins*.

³³ APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Este comentário não significa um endosso simplista ao que vem sendo chamado “educação inclusiva”. – **Acrescentado na revisão de 2007:** nenhum dos profissionais por quem o caso de W passou, por minhas mãos ou por de outros, tinha pista de algum rótulo (dizer “diagnóstico” seria um pouco demais) que parecesse corresponder ao seu caso. Foi somente em 2007 que, por dois caminhos diferentes e num prazo de dois meses, chegou ao meu conhecimento a classificação que provavelmente lhe cabe’: a Síndrome de Asperger.

³⁴ Para evitar o efeito “exibição de miquinhos amestrados”, declarada e justamente *odiado* pelo tipo de jovens com que trabalhamos, mencionamos aqui os participantes por nomes fictícios ou por iniciais. Em 3.3.4.4 incluímos porém uma lista alfabética dos nomes reais dos mencionados. Advertimos que não é nossa intenção aqui fazer nenhuma lista completa dos participantes, e que a escolha dos mencionados não corresponde a nenhuma avaliação de resultados ou de importância pessoal: pretende apenas apresentar uma amostra em forma de quadro vivo.

Comunitária aprovado pelo Programa Capacitação Solidária, e em 2001 o projeto de Liberdade Assistida que a Trópis desenvolveu por algum tempo em convênio com a Associação Monte Azul. Trabalhou na TV Futura, Instituto Sou da Paz... Dez anos depois do primeiro encontro, tem uma posição de responsabilidade num departamento oficial de Cultura; ainda não tem graduação universitária – ingressou em Ciências Sociais em 2005 –, mas tem um currículo bem acima do comum na sua idade, independente de considerações de “berço”.

Tudo flores? E as vezes em que Vicente e eu, propositor de uma Pedagogia do Convívio, estivemos literalmente a ponto de quebrar a cara um do outro? Quantas vezes, apesar da afeição pessoal recíproca, dissemos que o *outro* era o pior castigo que o destino podia nos ter reservado?...

Não, não estou dizendo que *Vicente* era uma pessoa difícil: estou dizendo que *nós dois* tínhamos traços difíceis, que a presença do outro ativava e obrigava a enfrentar. Ou a gente desistia de *conviver*, ou enfrentava.

E o enfrentamento traz também dentro de si, permanentemente, a mesma opção: partir para a violência significa tentar fazer o outro desaparecer da nossa presença *como sujeito livre, capaz de discordar*: ou ele morre (é *suprimido*), ou vai embora (é ou sente-se *excluído*), ou *se submete* (é *oprimido*, com ou sem *exploração*). Em todos os casos acabou o enfrentamento... e acabou o *convívio* entre dois seres *humanos* – assim definidos por seu potencial de livre escolha ou decisão. Ou seja: ainda é uma forma de *desistir*.

E a outra opção? No nosso caso percebemos (e *dissemos*) que se conseguíssemos fazer da nossa nascente organização algo capaz de acomodar os dois ao mesmo tempo, *então* teríamos criado algo forte ou significativo. Afinal, um carro anda porque consegue dar *forma e direcionamento* à força de explosões que poderiam ser mortais. – O engano aqui seria pensar que numa *organização* isso também se consegue com uma forma maciça e rígida como um bloco de carro: no que é *orgânico* isso terá que ser conseguido encontrando uma *dinâmica* apropriada; quer dizer: pela evolução da luta em dança; pela *ginga*.³⁵

Em tempo: até hoje raramente tomo alguma decisão em nome da Trópis sem ligar para o Vicente e pedir seu parecer...

3.3.1.3. NÚMERO TRÊS: O CAMINHO POR UM FIO...

O terceiro a chegar foi **CAIO**, de outra favela.

Nas freqüentes ocasiões em que, como todo aluno do ensino médio público na periferia, era dispensado porque um ou mais professores não apareciam, Caio ia para minha casa. Se eu não estivesse, aguardava sentado na calçada até eu chegar. Disse que queria aulas, fosse do que fosse. Expliquei que não tinha condições. Que estava dependendo de dar aulas de inglês, pagas, para viver. Dali a uns dias Caio apareceu com quatro alunos pagantes de inglês, pedindo para ser o quinto da turma.

Tempos depois perguntou angustiadamente se poderia morar na casa, pois conflitos de grupos na favela teriam colocado em risco a vida de qualquer membro da sua família. Achei que fosse exagero ou pretexto, mas acabei concordando. Não muito depois dois de seus irmãos foram mortos de uma vez, numa casa que Caio costumava freqüentar.

Logo Caio seguiu por caminhos afins com os nossos, mas fora da Trópis. Algum tempo depois reapareceu e ofereceu sem custo as aulas de ioga pelas quais estava cobrando em outros locais. Tornou-se meu instrutor – severo e competente instrutor! Entre outras atividades toca hoje, junto com a artista plástica com quem se casou, uma pequena empresa de papel artesanal.

³⁵ Nesta reflexão interpolada no relato estão contidas algumas das idéias mais decisivas para a Filosofia e da Pedagogia do Convívio. Não estamos dizendo, porém, que são *todas* as tensões de encontros que é possível administrar dentro de um mesmo espaço; uma discussão sobre esses diferentes casos nos parece pertinente, porém exigiria o espaço de outros trabalhos.

3.3.1.4 ... ALGUNS QUE O FIO DERRUBOU...

Os dois irmãos de Caio... tivessem sido os únicos! Dois irmãos de W também já se foram, assassinados em diferentes momentos. Um deles, mais novo, chegou a brincar tantas vezes com meus filhos em início de adolescência... mas, ao contrário do irmão, não via graça no conhecimento. O tempo todo queria velocidade, botões, aparelhos, tudo o que fosse dito da moda... Logo trocou a Trópis pelos salões da noite, onde foi colecionando desafetos... até de repente se ver acuado num banheiro de bar.

E além deles, Maria. Revejo Maria, cearense de olhos claros, tímida e doce, recebendo dicas da minha filha no computador... para depois se envolver com a turma errada e aparecer morta de modo bárbaro...

3.3.1.5 ... E ALGUNS QUE BAILARAM SOBRE O FIO

Porém **MARQUINHOS**, irmão gêmeo de Maria que fugia de aula para espiar os ensaios do Grupo Submundo e que (após remanejamento do horário de aula!) virou mascote do grupo... em 2005 Marquinhos foi parar em Paris, dançando em eventos do ano Brasil-França...

E falando em dança, teve o **VINÍCIUS**, que veio *do interior do interior* do Nordeste, onde descobriu boa parte da ioga sozinho, pesquisando o corpo na beira de um córrego, sem nem conhecer a palavra. Das obras de construção foi parar em um aprendizado com Takao Kusuno, o qual mandou um táxi buscá-lo na favela para jantar com o grande mestre mundial do butô, Kazuo Ohno...

Aqui é preciso dar créditos: estes dois freqüentavam a Trópis intensamente, mas seu canal para o mundo da dança foi a vizinha Associação Monte Azul.

Mas seguindo o tal fio ainda nem falei da **LINDA**, a quarta pessoa a chegar! Dona de uma incomum capacidade de... *análise sintética* (talvez algo assim como um cálculo integral) e de uma expressão verbal poderosa em qualquer reunião... presença explosiva no palco com o Submundo... antes que a gente se desse conta já era membro do Conselho do Instituto Sou da Paz.

E pouco depois seu irmão **FELIPE**, que leu *O Mundo de Sofia* em três dias e com 14 anos escrevia versos que encabulavam bastante meus quarenta anos de poesia... Felipe criou na Trópis um grupo de mangá... ilustrou vários trabalhos nossos... se encarregou da nossa rede de micros por uns bons anos... e hoje vive em outra cidade como webdesigner, casado com uma profissional liberal.

3.3.1.6. ELITISMO?

Leitores: talvez a esta altura vocês estejam chamando nosso trabalho de *elitista*, como já aconteceu... Relembro então que *todos* os jovens já mencionados eram o que muitos insistem em chamar de “favelados”. Certo, existem muitos, muitíssimos jovens em condições bem mais difíceis que estes; mas eu não tenho como enfrentar *todas* as diferentes tarefas deste mundo... (*Você tem?*)

Acho que o primeiro que (apesar de ter conhecido dificuldades) não morava em favela foi o quinto a chegar: meu filho **G**, antes morando com a mãe no Estado do Rio. Um ano depois veio **A**, minha filha. Foi com a presença deles e de seus colegas que a casa terminou de virar um “ninho” de jovens, até o ponto em que... casa? Que casa? Isto aqui é uma república e uma associação. Uma **co-mu-ni-da-de in-ten-cio-nal**, meu senhor!

Como eu agüento? Ora, eu não contei que já havia entrevisto algo *assim*, como imagem de futuro, em minha própria adolescência? Apesar de todas as dificuldades em que ainda vivo, já consigo sentir certa relação com a frase de Alfred de Vigny, **“uma vida plena é um sonho de adolescente realizado da idade madura”**,³⁶ e ser grato à existência por isso!

³⁶ Vigny, poeta romântico francês. *Apud* PAWELS e BERGIER, p.23.

3.3.1.7. NOVOS E NOVÍSSIMOS CHEGANDO

OLAVO era colega de G no ensino médio. Soube que éramos uma associação e veio tentar me convencer a criar um cursinho pré-vestibular comunitário. Aleguei que no momento não havia condições, e ele contra-argumentou. Depois de uma hora e meia de queda de braço sem que ele desistisse, terminei dizendo: “olha, com cursinho ou sem cursinho, quero essa garra do nosso lado: venha trabalhar com a gente...”

Olavo, que vendia refrigerante em semáforos quando não encontrava serviço como ajudante de pedreiro, foi logo assumindo cuidar das rotinas burocráticas – *gostava* de fazer isso – e costurar contatos pelos eventos do Terceiro Setor. Criou seu próprio caminho profissional e em 2006 tem um bom cargo em outra instituição, paralelamente à faculdade de Psicologia.

Um dia foi A que ouviu uma garota passar cantando no corredor do colégio. A voz chamou atenção. Puxou papo: “Você canta? Meu irmão tem uma banda”. Resultado: junto com G, **AP** se tornou vocalista da banda **Provisório Permanente...** e mãe de **P**, 5 anos, minha neta... Com ela veio o irmão **J**, que não muito depois já saiu “acontecendo” em encontros Brasil afora com seu brilhante domínio do conceitual da Pedagogia do Convívio – hoje hesitando entre o curso de letras e o de agronomia.

Outro dia era G que estava no famoso corredor e ouviu um colega passar murmurando “que raiva que me dá da televisão!” G foi imediatamente puxar papo: “acho que você vai gostar da nossa associação”. **DALTON** veio, se envolveu... Em 2006 cursa o 3.º ano de Economia, além de atuar em toda uma variedade de movimentos sociais.

De quebra, trouxe uma porção de amigos, entre os quais **BETO**, que viria a ter papel fundamental nas obras de reforma e construção em São Vicente e Praia Grande (2003-04), e **DADO**, que vive hoje em outro estado, com a filhinha de 3 anos, o enteado, e a companheira... que conheceu na Trópis.

3.3.1.8. FAMÍLIA OU TRABALHO?

Mas isso não é uma confusão horrorosa? Essa mistura de relações pessoais e de trabalho, de instituição e família...

Que se tenha chegado hoje em dia a pensar assim é que nos parece uma expressão do estado profundamente doentio a que a sociedade chegou! Pois, ao contrário de ser uma deficiência ou deformação, **vemos essa proximidade e sobreposição parcial das vidas de trabalho e de família como marca essencial das situações sociais antropológicamente saudáveis** – ou seja: em lugar de uma falha, *um ideal a buscar e a cultivar*.

Haveria problema se o aspecto familiar fosse fonte de poder, discriminação, manipulação – ou, por outro lado, de restrição à diferenciação individual. São tentações e armadilhas que o *sistema de convívio e de tomadas de decisão* tem que prever e evitar.

Qualquer modo de viver e organizar a sociedade tem suas tentações e armadilhas. O poder de **devolver ao ser humano o direito de ser humano**, não são todos os que têm!

3.3.2. Momentos

3.3.2.1. LIÇÕES DE UMA TÁBUA E DE UMA RODA: 1996

O que existe neste momento é uma casa de moradia com uma biblioteca razoável, um computador e uma cozinha grande, 6 jovens que a freqüentam quase todos os dias e alguns mais esporadicamente. Não existe instituição registrada, metas a cumprir, nada disso. O que há de mais sistemático são as manhãs de sábado, em que dou o que é efetivamente uma aula, complementada com dinâmicas e conversas dirigidas.

Proponho que chamemos tudo o que acontece aí de **OCA: Oficina de Conhecimento & Artes**, além, é claro, de significar “casa”, e casa de forma circular, e

ainda por cima em língua indígena. O nome TRÓPIS, embora já em uso esporádico desde 1992, só seria adotado de modo sistemático em 1998.

É curioso como todo grupo acaba desenvolvendo jargões internos... Creio que não há como impedi-lo – nem por quê, desde que se tomem certos cuidados: *não deixar que o jargão cresça a ponto de fazer quem não o conhece sentir-se excluído da conversa; não levá-lo a sério demais; não confundir sua aquisição com algum aprendizado real.*

O fato é que na linguagem corrente dos “tropeiros” mais antigos, “oca” acabou significando “aula do Ralf” ou “aula no estilo do Ralf” – em frases como “hoje tem oca, você vem?”, ou “a gente deveria fazer uma oca sobre tal assunto...”

Um desses sábados é 7 de setembro. Decido não ignorar a data, mas refletir sobre idéias como “Brasil”, “nação”, “independência”, “realidade brasileira”... Levo o grupo a um belo lugar à beira da Represa Guarapiranga, guardado por uma fileira de velhos e veneráveis cedros... aonde o vento costuma levar boa parte do lixo atirado na represa. Caminhamos embevecidos pela paisagem... enroscando os pés em lixo, no *nosso* lixo. Não é preciso verbalizar muito o que estamos tentando dizer.

Um dos rapazes encontra um tubo de tinta líquida. Cata uma tabuinha semi-apodrecida e espirra tinta, escrevendo OCA. Olho com emoção e peço para levar a tábua para casa... sob protestos: “mas isso é lixo!” – Muito mais difícil convencer pobres do que ricos a reaproveitar materiais – e isso especificamente pelo pavor, quando não ódio, diante da perspectiva de serem tratados *mais uma vez* como humanamente inferiores: “quem cata lixo é tratado como lixo”.

O que é, afinal, um excelente assunto de reflexão! Enfim, com algum trabalho artesanal adicional, a tabuinha está pendurada em nossa sede há 9 anos, símbolo da continuidade de um impulso.

Em um gramado mais amplo proponho fazermos uma roda e algumas atividades que – aparentadas e em parte inspiradas pela eurritmia antroposófica, pela ioga e outras fontes – integram o que hoje chamamos de Sintonização Somatopsíquica. Sem muita experiência, proponho correr aceleradamente, de mãos dadas e braços esticados, voltados para fora do círculo. Logo percebo que será quase impossível parar aquela massa executando aquele movimento naquela forma... e grito: “se soltem!”

No momento seguinte vejo seis jovens correndo velozmente em diferentes direções, impulsionados pela roda... enquanto eu estou estatelado no chão, com o joelho machucado, por ter suposto que seria possível sair daquele movimento e parar de súbito.

Levanto efetivamente assustado. Um pouco eu também sei ler a dimensão simbólica dos fatos... Vamos caminhando de volta, e comento pensativamente com meu filho: “Não sei se a gente deve seguir adiante com essas atividades... Acabo de perceber como um círculo pode nos derrubar e machucar...”

E ele, com a voz calma e clareza segura que me fez vê-lo tantas vezes como meu professor: “acho que isso só quer dizer que se você *tentar parar* você cai...”

3.3.2.2. A TOCA, 2001: BUROCRACIA X VIDA, MAIS UMA VEZ...

Em 2001, já registrados e com diversos projetos executados como associação, idas e vindas nos levaram a alugar uma segunda casa – na verdade a reformá-la em troca do uso: a casa em que a Prof.^a Ute CRAEMER morou inicialmente em São Paulo, da qual começou o trabalho que é hoje a impressionante Associação Monte Azul.³⁷ Como se destinava principalmente a moradia (a nossa dimensão que estávamos chamando “República Trópis”), por contraste ou em complemento à OCA acabou sendo chamada de Toca.

A casa estava em estado bastante precário, porém um vasto alfeneiro e uma soberba palmeira conferiam à frente uma espécie de majestade graciosa típica do interior brasileiro, e o longo quintal embriagava com a exuberância das bananeiras, da

³⁷ Sobre essa associação, ver a última nota do artigo 1.

cana em flor, da amoreira e dos abacateiros... e de montes dessas flores que no Paraná se chamam beijos e os paulistas insistem em julgar como marias-sem-vergonha...

Os tempos iniciais foram deliciosos: foi lá que adotamos a tradição de ter sempre um círculo de pedras ou tijolos para fogueiras (nosso “fogódromo”), e onde inventamos casualmente nosso fortíssimo quentão sem álcool, de gengibre com frutas e goiabada... E em plena São Paulo esse quintal nos permitia estudar as estrelas, com cartas celestes e lanternas na mão.

Herdamos com a casa o gato Risco, que depois deu lugar a Miguel – aquele que mais tarde, no litoral, trouxe a namorada grávida para morar em casa, fato tão inusitado entre gatos que passamos a mencioná-lo como exemplo mais extremo dos poderes pedagógicos da Trópis...

E aí veio Pituí, o coelho preto, e depois alguém tinha um galo e duas galinhas de que se desfazer... e apesar de minha relutância devido às despesas alimentícias, acabamos abrindo o portão também para o cachorro Brucutu.

Quanta vida naquele lugar! E que poder terapêutico essa vida vinha mostrando sobre os jovens chegados em 2000 que haviam se abrigado na república!

Neste ponto é importante esclarecer que esses jovens eram sempre maiores de 18 anos, e que solicitavam moradia por razões várias, mas sempre por vontade própria. O abrigo a menores é um trabalho importantíssimo, e ao qual a Pedagogia do Convívio poderá sem dúvida ser aplicada com proveito, porém que até hoje não fez parte dos objetivos de trabalho da Associação Trópis.

Mas naquele momento estávamos pensando seriamente em trabalhar com LA: Liberdade Assistida – ou, no eufemismo burocrático, “medidas sócio-educativas em meio aberto” para menores infratores – o que de fato acabamos fazendo em 2002, porém em nome da Associação Monte Azul.

E por que não no nome da Trópis? Bem, estávamos já em negociações com a FEBEM: precisávamos de tal registro, e de tal outro, e de tal outro, e de inspeção daquele órgão, e de tal conselho, e de tal outro... Olavo começou a correr atrás desses registros, e logo veio uma fiscal conhecer a Toca (pois pensávamos em mudar a república e instalar aí a LA). Ficamos felizes de poder mostrar nossa abordagem tão orgânica e tão viva...

Mas a fiscal definitivamente *não* ficou feliz em vê-la: considerou um descabro: jamais pessoas poderiam *morar* em um local de *atendimento!* E bichos? Como se pode ter bichos e atender menores no mesmo local? ANIMAIS SÃO TRANSMISSORES DE DOENÇAS – ponto. Nos livrássemos primeiro desses pequenos incômodos, e ela viria para nova inspeção.

E as abundantes pesquisas, mundo afora, que demonstram o poder curativo psicológico e psicossomático do convívio com animais? Que a presença de animais humaniza as pessoas? Não, deixa pra lá... isso simplesmente não vai caber no programa mental com que alimentaram a nossa fiscal...

Até hoje enfrentamos certas limitações por havermos recusado esse tipo de registro. Temos que formular nossos projetos como iniciativas culturais, nunca como de educação e muito menos como de assistência social, pois em nossa sociedade “educação” e “assistência social” significam “estrutura burocrática”. Mas essas limitações não são nada, comparadas ao que nos pediram: vender a alma.

Pois que diferença poderíamos pretender fazer no mundo, se tivéssemos aceitado, virando apenas mais um aplicador das receitas já conhecidas – e de tão conhecidos resultados?

3.3.2.3. DIFICULDADES I: ENTRE O RECONHECIMENTO E A VIOLÊNCIA DO REAL (2000-2002)

Havíamos saído daquele 7 de setembro de 1996 com a certeza de que queríamos ser um círculo e um movimento permanentes. Depois de muitos ensaios, em 7 de

setembro de 98 estávamos reunidos numa assembléia geral de “fundação” – pois para o mundo oficial “realidade” é o que está no papel... (e inclusive por questões desse tipo a data que acabou registrada foi 23 de novembro).

Até aí tínhamos feito muito menos do que queríamos... sobretudo porque eu passava a maior parte do meu tempo em trabalhos de ganho externos. As várias tentativas de conseguir apoio trombavam sempre com a antiga e cruel lei “ao que tem será dado”. Fontes financiadoras apóiam quem prova que *já fez...* mas como *já ter feito* sem apoio inicial?

(*Existem* soluções racionais para todos as questões apresentadas como justificações desses fatos pelos detentores de decisão sobre financiamentos; o que vemos no final é que trata de regras criadas de modo ideológico – ou seja: semi-consciente – *para dificultar a renovação e a circulação do poder de decisão*).

Consigo vender uma chacarazinha que havia herdado no interior do Paraná... e, na contramão de todos os conselhos de bom-senso, decido usar o dinheiro para *tornar visível* a nossa proposta, dedicando-me a ela em tempo integral: “uma vez visível tenho certeza que encontraremos quem apóie!”, muitos me ouviram dizer.

E em 2000 começávamos, sim, a *ser visíveis*... O projeto apresentado à Capacitação Solidária tinha sido aprovado e estava em andamento... tínhamos parcerias pontuais com Instituto Sou da Paz, TV Futura e outras mais... porém (em mais uma dessas regras que, racionalmente analisadas, só servem para garantir que o bem “autonomia” continue sendo exclusividade de quem tenha controle de capital) raramente alguém se dispõe a pagar os custos básicos da manutenção institucional, a começar pelos custos das condições impostas pelo poder “público” para meramente *permitir existir*.

O dinheiro da chácara acabou. Corríamos entre as aulas e as atividades administrativas do curso Rádio Comunitária, duas trupes do Submundo apresentavam duas peças, a banda Provisório Permanente se apresentava... estávamos *visíveis*...

... mas as vezes não tínhamos o que comer. Várias vezes reunimos os jovens e fomos (eu junto) “fazer pedágio” nas esquinas das avenidas: “nós somos de uma associação que oferece atividades aos jovens, etc. e tal...”, e com isso comprávamos pão para a mesma noite – *sobretudo* para mim e meus filhos, pois a maior parte dos jovens ainda tinha uma família com a qual ir comer.

Num desses “pedágios” o motorista ouviu toda a fala do jovem... sacou um revólver e o fez entregar tudo o que já havia arrecadado. Ficamos espantados mas até rimos... sem saber que esse novo tema não se esgotaria ali.

Em nove anos residindo em São Paulo o roubo e a violência nunca haviam atingido diretamente a mim ou aos meus. Os dois anos seguintes resolveram compensar os outros nove.

Um dia chegamos em casa com os primeiros 900 reais de um novo convênio, que com esforço havíamos ido buscar pessoalmente do outro lado da cidade devido à urgência da situação. Porém para prestar contas no padrão exigido pela fonte federal, tinha que haver registro de passagem por nossa conta bancária... Levamos os 900 reais ao “nosso” banco, ali no bairro... depositamos, sacamos de novo e nos encaminhamos para casa. Faltando duzentos metros fomos parados por uma moto que nos seguia desde a saída do banco... e não é preciso dizer mais.

Ah, é claro que tivemos ainda um trabalho danado para comunicar o roubo em várias instâncias e não terminarmos *responsabilizados* pelo sumiço do dinheiro... Nisso tudo, aliás, não sei se nos feriu mais o próprio roubo, ou a frieza e indiferença – nesse momento e em outros posteriores – dos supostos parceiros que administravam a verba do projeto, os quais se dedicam a estudar precisamente a violência... a partir de uma posição bastante segura dentro da institucionalidade oficial.

Não é nossa intenção fazer um inventário de desgraças... mas como já chegamos a este ponto não custa mencionar: além do já relatado, enfrentamos até o fim de 2002

duas invasões de casa com pequenos furtos; o seqüestro-relâmpago de dois membros da equipe; dois furtos de automóvel (um tinha seguro, o outro foi recuperado mas teve seu motor destruído com sal no pátio de uma delegacia); o furto da guitarra profissional da banda; o arrombamento da sala de internet gratuita que funcionava há dois meses, com perda de oito Pentium que tínhamos recebido em comodato e outros tantos equipamentos nossos; a “migração” para outra instituição da pessoa a quem tínhamos confiado integralmente nosso maior projeto, levando consigo o que naquele momento representava 75% das nossas receitas. (Não se tratava de jovem. Já vi jovens tomarem outros tipos de atitudes questionáveis; esse tipo não).

3.3.2.4. DIFICULDADES II: COMPARTILHANDO DO TERROR SOCIAL (2000-2002)

Nada disso, porém, se compara às conseqüências de havermos aceito receber por três meses na república um jovem totalmente fora do perfil dessa frente do trabalho: em liberdade condicional após quatro anos de penitenciária. O pedido vinha escudado em razões muito fortes, fizemos reuniões e reuniões... e acabamos dizendo sim.

De início parecíamos estar dando conta do recado sem grandes dificuldades... tanto que, quando o quadro mudou, demorou um pouco para os colegas da outra casa perceberem a dimensão do que estávamos passando, em um mês e pouco sempre à espera de quando e como seria a próxima crise de paranóia pós-uso de crack ou cocaína.

Reuniões secretas de pessoas em busca de estratégias para não perder o controle de sua própria casa... Dormir com uma corda escondida atrás do colchão... Ver a pessoa que algumas horas atrás compartilhava conosco do mesmo prato, aparentemente alegre, contorcer-se em espasmos e delírios horas a fio...

... ou agarrar o telefone e solicitar, às três da manhã: “*É, turma, venham aqui me resgatar. Metralhem a casa! O endereço é tal...*” (Felizmente os próprios colegas de crime – que existiam – percebiam seu estado e nunca vieram... mas quem podia saber?)

Na verdade apenas quatro noites, não consecutivas, chegaram a um tal nível crítico – à parte uma enxurrada de pequenas provocações ou ameaças espalhadas pelo cotidiano. Na primeira vez enfrentamos com galhardia, quase indiferença. Na última estávamos reduzidos ao esgotamento e ao mais puro terror. Me vi de repente com a barba embranquecida, e passava boa parte dos dias na cama como convalescente... para conseguir varar as noites em luta física e espiritual.

Me perguntava e me pergunto sobre as pessoas que vivem anos e anos carregando filhos, pais, parceiros assim...

Quando nosso hóspede fugiu da primeira internação que lhe havíamos conseguido, fomos ao seu encontro na esquina: entregamos-lhe suas coisas em malas nossas, 200 reais, e desejamos boa sorte em algum lugar.³⁸ Em seguida fechamos a Toca, passamos alguns dias e noites amontoados na garagem da outra casa, e finalmente descemos para o litoral e alugamos uma casinha como refugiados de alguma guerra... Só um mês depois começamos a nos sentir capazes de decisões racionais outra vez – entre elas a de continuar no litoral.

Devo dizer que o pessoal da outra casa “segurou as pontas” com galhardia o resto daquele ano, com minha presença apenas a cada duas semanas. Outra conseqüência positiva foi o amadurecimento e o horror a drogas que se instalou nos jovens que tiveram participação direta nos acontecimentos – alguns dos quais ainda acreditavam, antes disso, poder manter com elas uma relação sem riscos.

Por outro lado, não tenho a menor dúvida de que **nosso hóspede apenas retransmitia todo o terror que passou desde o momento em que a mãe o deixou no fórum com três anos de idade**. Anos de ruas, de esconderijos, de internações, de espancamentos... Tenho por ele absoluta *compreensão*.

³⁸ Naturalmente nos atemos aqui a apenas alguns traços dessa história; não deixamos de acompanhar indiretamente alguns desdobramentos posteriores – porém isso já fica fora dos objetivos deste relato.

Mas para cada um de nós há um campo ao alcance direto de nossas capacidades, e outro fora desse alcance, e suspeito que não seja sábio descuidar do primeiro para envolver-se com o segundo –

... isso supondo que sejamos honestos quanto a esse limite entre o que podemos e o que não podemos! Do contrário não será de sabedoria que estaremos falando, será mais é de covardia. Podemos, todos, *tão mais* do que queremos acreditar que podemos...

3.3.2.5. NOVAS TRAMAS: 2003-2006

A sensação que tenho é que o período terrível terminou em outubro de 2002, no dia em que me sentei no avião para participar, a convite, do congresso *Redes para o Aprendizado Planetário*, na Alemanha.³⁹

Em 31.12.2002 um encontro geral em Peruíbe tomou uma decisão drástica: fechar a casa em São Paulo, transferindo tudo o que fosse possível para São Vicente. Pouco tempo depois alugamos, com recursos da Associação Beneficente Tobias, um salão que já havia sido restaurante e um quase-cortiço atrás, num total de 400 m² construídos. A reforma – só pelas mãos da turma – foi quase uma festa, e em maio de 2003 tudo o que havíamos andado juntando em duas casas estava reunido lá: os 4 mil livros, os mil discos de vinil, o piano, os novos computadores velhos... dez adultos e três crianças.

A “Terra Prometida”? Ainda não... Apenas um passo preparatório para novos passos... 2004 foi passado em uma reforma-e-construção de apenas 134 m² porém mais complexa na Curva do S, bairro periférico de Praia Grande. Ainda em obras recebemos aí visitas interessantíssimas, como Bob Stilger do Berkana Institute (EUA), ou mais de 30 estudantes, professores e pais alemães e sul-africanos trazidos pelo educador alemão Harald Kleem – e em janeiro de 2005 nos mudamos para aí com ajuda do grupo teatral do diretor Chico Villa, que passava uns dias conosco (tão entusiástico Chico Villa, que viria a falecer nesse mesmo ano com um AVC fulminante!).

Também *essa* construção deveria ser apenas um passo preparatório para novos passos... Em mira, o Projeto Oca Mundi: cursos para jovens e para educadores... aspectos sociais, ambientais, culturais, pedagógicos e de geração de renda... conexões inter-institucionais e internacionais... No horizonte a visão de *toda uma aldeia* (conforme o ditado africano) e de uma Universidade Aberta para o Reencantamento da Educação.

Acontece que nada de orgânico costuma ter um desenvolvimento retilíneo... Em 1980 Francis Edmunds, então com mais de 80 anos, costumava contar que aos 40 se havia considerado pronto para começar a instituição de educação de adultos que era o projeto dos seus sonhos – e que já tinha 60 quando o Emerson College finalmente abriu suas portas.⁴⁰

De repente ficou evidente que não eram esses jovens, que vinham fazendo de suas próprias vidas o corpo da Trópis, quem poderia agora se enfurnar anos no mato construindo tal aldeia... mas que cabia-lhes agora avançar nos estudos e ensaiar vãos próprios. Boa parte ingressou no ensino superior e/ou em algum tipo de vida profissional em São Paulo ou em outros locais.

Além disso, toda uma série de outros fatores, que seria fastidioso enumerar, decretou inequivocamente que o Projeto Oca Mundi seria interrompido no mínimo por alguns anos, além de desligado daquele pedaço de terra específico (cuja função talvez tenha sido nos encorajar a detalhar e escrever um sonho que nos acompanhava de modo vago desde há muito).

³⁹ Do qual trato em detalhe no artigo 7 deste volume.

⁴⁰ Cf. ponto 3.1.7.

Que fazer? Hora de registrar e de refletir. Houve no passado outras culturas de importância comparável às que estudamos em História, como Grécia e Roma, porém estas duas continuam ativas, influenciando até hoje no nosso cotidiano, e aquelas não... justamente porque estas deixaram suficiente registro de si.

O projeto prioritário passou a ser, portanto, a produção de registros sobre a experiência, bem como de material teórico sobre a Pedagogia e Filosofia do Convívio – do que faz parte o presente volume.

E qual a finalidade desses registros e reflexões? Nossa esperança é, naturalmente, que possam servir como inspiração e subsídio para ações futuras – não importando se vinculadas ou não ao nome “Trópis”. Afinal, instituições devem sempre ser meios, não fins.

Nosso maior desejo é então que a experiência extraída de nossos erros e acertos possa ser útil à humanidade em geral – desde que em mãos de pessoas e/ou instituições que também se vejam como meios, e não como fins em si.⁴¹

3.3.3. Frases

Muitos consideram frases ou aforismos isolados como característico de uma “filosofia barata” indigna do nome de filosofia... Muito poderia ser dito quanto a isso (e na verdade *será* dito no volume **Filosofia do Convívio**); por agora nos limitamos a dizer que nenhum bom didata sacrificaria tal ferramenta utilíssima no altar dos preconceitos acadêmicos. Basta não confiar nela excessivamente!

Muitas frases marcaram a história da Trópis, trazidas de fora ou criadas dentro. Algumas se encontram entre as epígrafes principais (página 3), outras esparsas pelos artigos como em 3.4, 2.1, 13 e 14 – e outras nem cabem neste volume. Descontado isso tudo, restam algumas frases ou expressões que, talvez à falta de lugar mais apropriado, registraremos aqui.

CARACTERIZAÇÕES DA EDUCAÇÃO CONVIVIAL, DA TRÓPIS E DE SEUS OBJETIVOS

- *É preciso toda uma aldeia para educar uma criança.*
PROVÉRBIO AFRICANO, EPÍGRAFE DO PRIMEIRO ARTIGO
- *Educação pelo convívio e para o convívio.*
PRIMEIRA DEFINIÇÃO, EM TORNO DE 1996
- *Propiciar a conversão mais rápida possível de objetos do trabalho em sujeitos do trabalho.*
- *Uma armadilha do bem* (para ajudar a *desenvolver e viabilizar a liberdade*, em contraste com as diversas “armadilhas do mal” que se empenham em seqüestrar a liberdade nascente no momento em que o adolescente, por um imperativo antropológico normal e correto, busca distância da família de origem e envolvimento com outros grupos).
- *A periferia é o centro!*
- *Escola de Inconformática*
- *Trópos = sentido. Trópis = quilha.*
O que uma trópis faz é (no amor & luta com cada onda...)
conquistar a cada momento o rumo e o sentido do seu barco.

DA APRESENTAÇÃO EM WWW.TROPIS.ORG EM 2006

⁴¹ Por estranho que isso pareça ao espírito da nossa época, queremos *confiar* que se alguém um dia obtiver qualquer *ganho econômico*, institucional ou pessoal, com estas nossas idéias (p.ex, por usá-las em trabalhos de consultoria) não deixará de nos procurar voluntariamente para contribuir com uma fração significativa desse ganho – no mínimo porque sem isso todo o discurso da Pedagogia e da Filosofia do Convívio, que são centradas na Ética, estaria sendo usado de modo contraditório com seus próprios objetivos.

DESAFIOS ÉTICOS RADICAIS

- *Atenção é energia psíquica:
quem ouve alimenta o outro, quem fala está sendo alimentado.*

BALANÇO FALAR-OUVIR: CHAVE DO CONCEITO "ECONOMIA DA FALA"

- *Respeite sua própria palavra:
se não tem certeza de que estará disposto a todos os esforços
para cumprir o que disse, então nem diga!
Palavra sem valor, sociedade sem futuro.*

"CAMPANHA CIVIL PELO VALOR DA PALAVRA: SE VOCÊ TAMBÉM PERCEBE A IMPORTÂNCIA,
FOTOCOPIE, EXPONHA, PASSE ADIANTE..." - 1996

- *Não há nada no Universo que se possa desfrutar sem que exista um custo a ressarcir – e por isso um preço a pagar. Quase todo sofrimento é causado por aqueles que desfrutam mas trapaceiam para não compensar os custos – pois a conta não some, mas em cai em cima de alguém que não desfrutou. Existência sem sofrimento nunca será possível enquanto restar um único “espertinho” no mundo. E só deixo de ser cúmplice nos sofrimentos do mundo à medida em que tento superar o espertinho que existe em mim. - 1996*

ALGUMAS FRASES EXTERNAS AFINS COM NOSSOS PROCESSOS & IDEAIS

- *Quem pensa por si mesmo é livre / e ser livre é coisa muito séria...*

RENATO RUSSO

- *Somos quase livres: isso é pior do que a prisão.*

ENGENHEIROS DO HAWAII

- *A juventude está sozinha: / não tem ninguém para ajudar / a entender por que é que o mundo / é esse desastre que aí está.*

RENATO RUSSO

- *Sou homem: não considero alheio a mim nada do que seja humano.*

TERÊNCIO, DRAMATURGO ROMANO

- *... serenidade para aceitar as coisas que não podem ser mudadas;
coragem para mudar as que podem e devem ser mudadas;
e sabedoria para distinguir uma coisa da outra.⁴²*

DIFUNDIDO PELO TEÓLOGO REINHOLD NIEBUHR, 1892-1971,
POSSIVELMENTE COM BASE NO FILÓSOFO ROMANO BOÉCIO, 480?-526?

- *Jamais duvide de que um pequeno grupo de cidadãos com pensamento e compromisso possa mudar o mundo. Na verdade, a única coisa que já mudou o mundo foi isso...*

ATRIBUÍDO A MARGARET MEAD, ANTROPÓLOGA NORTE-AMERICANA.
TRADUÇÃO NOSSA.

- *Nós devemos SER a mudança que queremos ver no mundo.*

ATRIBUÍDO A MOHANDAS K. GANDHI, O MAHATMA

- *Aquele de vocês que quiser ser o maior, se faça servidor de todos.*

JESUS CRISTO SEGUNDO MATEUS 20:27, 23:11 E MARCOS 9:35, 10:44

⁴² Este ideal está expresso tradicionalmente na forma de uma oração, iniciada com “Deus, concede-nos...” (é inclusive conhecida por como “Oração da Serenidade” no movimento AA, que foi talvez quem mais a difundiu). Ao trabalhar com jovens é absolutamente fundamental a honestidade quanto ao fato de que a fé teísta (crença em Deus) é uma *opção pessoal*, e não é condição indispensável *nem suficiente* (como a história bem prova) para um viver ético e construtivo. O ideal em questão é portanto apresentado *em si*, com o esclarecimento de que se pode optar por introduzi-lo com “Deus, concede-nos...” ou com expressões como “almejem”, “eu almejo” ou outras semelhantes.

- *Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,
... que eu tivesse conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência,
... se eu não tivesse Amor eu nada seria.*

PAULO DE TARSO EM I CORÍNTIOS 13:1-2

NOSSO ECO A ISSO – E PONTO GERADOR DE TODO NOSSO TRABALHO

- *AMAR significa assumir responsabilidade voluntariamente.*

3.3.4. Pró-memória (nomes e dados)

3.3.4.1. RESUMO CRONOLÓGICO

- 1979, 1982-84, 1987-90:** experiências precursoras da Pedagogia do Convívio em Ponta Grossa PR, Guarapuava PR e Botucatu SP.
- 1992:** o nome TRÓPIS começa a ser usado pelo autor em publicações e em palestras em São Paulo, junto à expressão “pesquisa de caminhos tropicais de conhecimento e prática”.
- 1993:** a partir de 05/03, o “aluno n.º 1” começa a receber acompanhamento na residência do autor.
- 1995:** abertura à participação de mais jovens; início das OCAS (OFICINAS DE CONHECIMENTO & ARTES).
- 1996:** participação de 4 jovens na Oficina de Música de Curitiba (janeiro). Em encontro à beira da Represa Guarapiranga em 07/09, um grupo se assume como movimento intencional e continuado.
- 1998:** entrada de grande número de novos jovens. Criação do GRUPO SUBMUNDO DE TEATRO (agosto) e da banda PROVISÓRIO PERMANENTE. Em 07/09, assembléia de oficialização da ATDCS - ASSOCIAÇÃO TRÓPIS PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E SOCIAL (registrada com a data da assembléia de retificação, 23/11).
- 1999:** publicação do primeiro texto teórico sobre a experiência: *A proposta de uma Educação Convivial e a nossa Oficina de Conhecimento & Artes*. Realização e participação em grande número de eventos.
- 2000:** curso COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA COM ÊNFASE EM RÁDIO com apoio do Programa Capacitação Solidária. Envolvimento com o Instituto Sou da Paz, Canal Futura, Elenko-KVA, entre outros parceiros. Participação na I Semana de Educação da Faculdade de Educação da USP a convite do Prof.Dr. Marcos Ferreira Santos, com oficinas de teatro ministradas pelo Submundo, show do Provisório Permanente e palestra do autor, “*Traindo a escola para salvar a educação*”.
- 2001:** início do apoio da ABT - Associação Beneficente Tobias. Instalação da segunda casa em São Paulo (“Toca”), e de alguns membros em Maceió, AL (com intenções de dar continuidade ao ideal sob o nome TRÓPIS NORDESTE, plano interrompido após 10 meses). Início do ATELIE TERAPÊUTICO e do acompanhamento por médico voluntário. Lançamento da CAMPANHA “O REENCANTAMENTO DO MUNDO” em 01/12.
- 2002:** atuação em LIBERDADE ASSISTIDA (em convênio com a Associação Monte Azul) de fevereiro a outubro. Continuidade da CAMPANHA REENCANTAMENTO DO MUNDO (shows, feira cultural, mutirões em praças etc). Stand da Trópis na *Expo-Solidária* no Parque Ibirapuera obtém o 2.º lugar na preferência do público. Mudança de parte do grupo para Peruíbe SP em março (TRÓPIS LITORAL). Instalação do CYBER CAFÉ (fechado após furto dos equipamentos). Participação no congresso *Networks for Global Learning* na Alemanha (outubro-novembro).
- 2003:** mudança integral da instituição para um imóvel reformado pela própria equipe em São Vicente, SP. CASA DE CULTURA TRÓPIS, com biblioteca de 4 mil volumes, sala de internet, mini-ateliê, aulas, saraus. Aprovação do apoio inicial da loteria Bingo Lotto ao PROJETO OCA MUNDI com intermediação da VNB - União de Iniciativas Educacionais da Baixa Saxônia.
- 2004:** reforma e ampliação, pela equipe, de um imóvel na periferia de Praia Grande, SP, pretendido como sede provisória e base para futuras ações do Projeto Oca Mundi na orla da mata próxima. A equipe central leva as oficinas A ARTE DE VIVER EM CÍRCULOS a Curitiba e a Botucatu.
- 2005-06:** diversos fatores inviabilizam o prosseguimento em Praia Grande do Projeto Oca Mundi, adiado por prazo indeterminado. O autor oferece mini-cursos na III e na IV Semanas de Educação da FEUSP. Passa a residir em Santos, SP, assumindo como projeto imediato prioritário a produção de registros da experiência e de material teórico sobre a Pedagogia e Filosofia do Convívio – do que faz parte o presente volume.

3.3.4.2. TIPOS DE ATIVIDADES REALIZADAS

- *convívio informal intencional* com dimensões pedagógicas e terapêuticas
- Oficinas de Conhecimento & Artes (aulas teóricas e práticas, coletivas e individuais)
- Biblioteca aberta ao público (incluindo fonoteca, hemeroteca, arquivo de imagens)
- sala pública de informática e internet
- grupo de teatro (dois núcleos)
- banda profissional (mpb contemporânea)
- saraus (encontros de convívio e arte)
- *counselling* pessoal; acesso a acompanhamento médico; ateliê terapêutico
- cursos e atendimentos específicos (Rádio Comunitária, Liberdade Assistida etc.)
- reforma e/ou construção de espaços de atividade e de moradia pelos próprios participantes
- intervenção física em praças públicas degradadas
- caminhadas ou excursões de lazer e/ou vivência consciente da natureza
- participação de jovens em eventos locais e nacionais
- oficinas, palestras e cursos externos para jovens e para o público em geral
- promoção de e participação em eventos para *networking* institucional
- Núcleo de Estudos: reuniões, debates, produção de material teórico
- Frente de Mídias: documentação visual, produção de materiais impressos e para internet

3.3.4.3. NÚMEROS?

- Antes de mais nada, com a relativa exceção do trabalho em Liberdade Assistida, a Trópis nunca teve “atendidos”, teve “participantes”.
- *Não houve intenção de alcance quantitativo*, e sim de investigar e de atuar na dimensão qualitativa. Reconhecemos a importância da dimensão quantitativa, porém cremos que *essa deve ser atingida pela difusão da abordagem e multiplicação das iniciativas*, mais que pelo crescimento de cada iniciativa em si.
- A ausência de registros numéricos precisos da participação de jovens na Trópis *é intencional*, visando evitar que valores numéricos desviem a atenção da importância dos encontros pessoais.
- Ainda assim, podemos afirmar que não menos de 200 (duzentos) jovens participaram até 2005 de atividades da Trópis ou de seus subgrupos (teatro, banda, desenho, LA, aulas, saraus etc.), naturalmente sem contar aí as platéias de shows, palestras externas etc.
- No fim de 2002 constatamos que 38 (trinta e oito) jovens haviam passado por um “processo Trópis” *intenso* por pelo menos dois meses. Estabelecemos quatro categorias de impacto segundo a observação da vida cotidiana e conversas informais com os próprios jovens (sem aplicação de questionários etc.), e obtivemos o seguinte resultado:

IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO INTENSIVA NA TRÓPIS por pelo menos 2 meses na vida de 38 jovens, entre 1995 e 2002, na avaliação da coordenação pedagógica

impacto	n.º de jovens	% ~
1. a Trópis teve impacto na escolha da atividade (profissional ou de estudo) que estão desempenhando hoje	19	50
2. a Trópis teve forte influência (p.ex. valores de vida), porém não determinante de sua atividade principal atual	11	29
3. a Trópis deixou alguma influência, porém não forte	5	13
4. jovens em que, no nosso ver, a Trópis não fez diferença	3	8
TOTAIS	38	100

Impacto forte (1+2): 79% (~ 4/5)

Impacto baixo ou nulo (3+4): 21 %

3.3.4.4. NOMES: PARTICIPANTES

PARTICIPANTES MENCIONADOS SOB PSEUDÔNIMOS EM 3.3.1 (PESSOAS) – aqui em ordem alfabética; o negrito indica o nome usado normalmente para fins públicos - artísticos ou outros:

Alexandre Gonçalves **Vaz** Silva • **Anabela** Gonçalves Vaz Silva • **Ana Estrella** Libertad Rickli **Vargas** • Ana **Paula da Paz** Alves • **Carla** Roberta Gonçalves Macedo • Carlos (**Carlinhos**) Roberto Amaro **dos Santos** • Carlos (**Carlinhos**) Roberto Gonçalves Macedo • **Cícero** Mendes Oliveira • **Douglas Alcântara** Alencar • Eduardo (**Du**) **Alves Coutinho** • Gilson (**Gil**) Donisete **Marçal** • **Gunnar** Natanael Rickli **Vargas** • José **Alisson** da Paz **Alves** • **Potyra da Paz** Rickli • **Sânio** Gomes • Uberlando (**Lando**) **Alves** Ferreira • **Wagner dos Santos** Oliveira

NÃO FORAM MENCIONADOS MAS TIVERAM PRESENÇA COMPARÁVEL NO PERÍODO

Carla Jacy **Lopes** • **Cíntia Nuspl** Oliveira • **David** Alves Silva • **Eros Nuspl** Oliveira • **James Brito** • **Juliana** Carla **da Paz** Alves • **Marli** Maria **Lana** • Wesley (**Peu**) **Pereira** Jaime • Sérgio Gomes (**Irwin Matsudaira**) • **Tauana Nuspl** Coutinho • **Thiago Tauan** Mathias • **Wagner (Demétrio)** Marcelo de Souza Faborges.

SÃO OU FORAM MEMBROS DA DIRETORIA, EQUIPE EXECUTIVA, EQUIPES TÉCNICAS OU COORDENADORES DE GRUPOS ATÉ 2005

Alexandre Vaz • Cícero Mendes Oliveira • David Alves • Douglas Alcântara Alencar • Elfride M.N.R. de Freitas • Francisca Marisa de Souza • Geraldo Valle • Gerson Marins Marçal • Gil Marçal • Gunnar Vargas • Marli Lana • Ralf Rickli • Selma do Rosário Saraiva • Lando Alves • Peu Pereira

3.3.4.5. NOMES: PARCEIROS E APOIADORES

APOIADORES INDIVIDUAIS COM GRANDE PARTICIPAÇÃO:

EXTERNOS: Aymée Correia Rickli (Curitiba PR). Frans Schoenmaker (Holambra SP).
INTERNOS (COM GANHOS EXTERNOS REDIRECIONADOS PARA A TRÓPIS):
Gil Marçal, Gunnar Vargas, Ralf Rickli.

APOIADORES INDIVIDUAIS COM PARTICIPAÇÃO PEQUENA E MÉDIA:

até 2005 a Trópis recebeu contribuições dessa natureza de cerca de 40 doadores.

PARCEIROS OU APOIADORES INSTITUCIONAIS EM ALGUM MOMENTO DA HISTÓRIA DA TRÓPIS (de São Paulo quando não indicado):

- AABB - Associação Atlética Banco do Brasil / Santo Amaro • ABT - Associação Beneficente Tobias • ALIA - Associação Libertária da Infância e Adolescência (Santos) • Aliança pela Infância, Brasil • Aprendiz ComGas • ASACAR - Associação de Amor a Criança Arcajo Rafael (Santos) • Associação Comunitária Monte Azul • Associação Sarambeque / Unidos do Monte Azul • BC Gráfica • Bingo Lotto - a Loteria do Ambiente / Fundação Lotto da Baixa Saxônia (Alemanha) • Canal FUTURA (RJ) • Colégio Miguel de Cervantes • COMUNITAS / Rede Jovem (RJ) • EDUNEXO • Elenko / KVA • Ellerni comunidade de aprendizado • Faculdades FAITER • FEBEM • Instituto ELOS, arquitetura (Santos) • Instituto HOLOS • Instituto Sou da Paz • IPEMA Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ubatuba SP) • Programa Capacitação Solidária • Rede Social de Cultura, S.Paulo • schoolalliance21: Parceria Mirantao / Mantiqueira (Alemanha-Brasil) • Secretaria Estadual de Cultura • Sirimim farmácia homeopática • Sítio Bahia (Botucatu SP) • Staci fotolitos • Terra Preservada alimentos orgânicos (Curitiba PR) • VNB - Verein Niedersächsischer Bildungsinitiativen (União de Iniciativas Educacionais da Baixa Saxônia, Alemanha)

3.3.5. Um depoimento

Na comunidade Trópis no site de relacionamentos Orkut, colocamos a pergunta “por que você entrou na comunidade?”

Em 10.12.2006, quase no fechamento dos originais deste volume, **Gil Marçal** foi além de uma resposta sobre a entrada na comunidade orkutiana para falar de por que entrou *na Trópis*, entendida também como *comunidade*.

Queremos transcrever sua resposta pelo quanto tem de documento do processo inicial de constituição desse experimento, sem deixar de observar que, presente e ativo desde 1995, Gil foi ele mesmo um dos co-criadores do que o experimento veio a ser.

Ainda pode ser útil mencionar que em 2006 Gil fez 27 anos, é estudante de Ciências Sociais e trabalha na coordenação de um projeto municipal de apoio a iniciativas culturais de jovens; e que Zé Ralf é uma forma brincalhona com que eu mesmo costumo me referir a mim entre amigos, desde há algum tempo...

Não entrei, foi a comunidade que me em-globou...

E como diz o Gilberto Gil, “o povo gosta do que conhece e do que não conhece”. Entrei porque eu queria alguma coisa que percebi que aquele homem tinha... não sabia na verdade ao certo o quê. Comecei fazendo aulas de piano com o Sr. Ralf Rickli, que me possibilitava acesso ao seu tempo para aulas, e ao piano para o estudo, em troca de uma preocupação/consciência do viver no/com o mundo!

Aquela casa era muito curiosa, centenas de discos e livros de tantos autores que eu nem nunca sonhava conhecer uma vez na vida. Um computador ...eu, um moleque da favela que via computador apenas nos filmes americanos da Rede Globo. Além de tudo isso, o Zé Ralf, na batalha de sua sobrevivência cotidiana, ia possibilitando de forma muito espontânea o verdadeiro acesso e as chaves para acessar aquele universo tão amplo e tão desconhecido. Ali encontrei o que procurava, encontrei o que não procurava mas precisava... e ainda estou procurando o que este movimento me apresentou e despertou para uma nova possibilidade, um novo olhar... Um outro olhar!

3.4. IN SPIRITU

Colega, não aceite a vida tal qual as pessoas a colocam diante de você. Nunca pare de se convencer de que poderia ser mais bela, a vida; a sua e a das outras pessoas (...). Desde o dia em que começar a compreender que o responsável por quase todos os males da vida não é Deus, são as pessoas, você não irá mais se conformar com esses males. Não faça sacrifícios a ídolos.

ANDRÉ GIDE em *LES NOUVELLES NOURRITURES* - 1935 (TRANS-TRADUÇÃO DO AUTOR)

BIBLIOGRAFIA

A Bibliografia específica deste artigo inclui os seguintes itens da Bibliografia Geral:

BRAMBILLA. BOS 1986. CHAHINE 1997. CHAUI 1984. CRAEMER. DORIA 1974. DOSTOIÉVSKI 1973. DUNBAR 2005. ECO 1983. ENDENBURG 2002. FERNANDES 1973. FUKUOKA 1978. GHIRARDELLI JR. 2006. GIDE 1977. GOULART 1994. LOBATO 1962, 1966. MAFFESOLI 1998. MAHESHVARANANDA 2003. MANHART 2006. MONTEIRO 2006. PERNOD 1979. PESSANHA 1992. RICKLI 2006f, 2006g. ROBINSON 1971. SANTOS 2004. SCHUMACHER 1979. THOREAU 1985, 1997. TÖNNIES 1973. WEBER 1973.

Saites mencionados:

<http://jbonetti.tropis.org>

<http://lists.cohousing.org/archives/cohousing-l/msg11473.html>

<http://www.ecovillages.com/Pages/governance.html>

http://www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic_me=455

<http://www.monteazul.org.br>

<http://www.tropis.org/keys.html>

